



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Mestrado Profissional em Defesa e Segurança Civil

LUANA MARCIA BAPTISTA TAVARES

**EMOÇÕES E SUAS IMPLICAÇÕES NAS AÇÕES
DE DEFESA E SEGURANÇA CIVIL**

Niterói - RJ

2014

LUANA MARCIA BAPTISTA TAVARES

**EMOÇÕES E SUAS IMPLICAÇÕES NAS AÇÕES
DE DEFESA E SEGURANÇA CIVIL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal Fluminense como exigência parcial para conclusão de Programa de Mestrado Profissional em Defesa e Segurança Civil.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Cordeiro
Barbosa

Niterói - RJ

2014

LUANA MARCIA BAPTISTA TAVARES

**EMOÇÕES E SUAS IMPLICAÇÕES NAS AÇÕES
DE DEFESA E SEGURANÇA CIVIL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal Fluminense como exigência parcial para conclusão de Programa de Mestrado Profissional em Defesa e Segurança Civil.

Aprovado em _____ de _____ de 2014.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Fernando Cordeiro, D.Sc.(Orientador)
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof. Airton Bodstein de Barros, D.Sc.
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof^a. Delma Pessanha Neves, D.Sc.
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

**Pois, quando o medo é muito,
faz-se um silêncio na alma.
E nada mais existe.
(Mário Quintana)**

Este trabalho é dedicado a todas as pessoas, vítimas ou não que, em algum momento, foram capazes de superar seus próprios medos, na tentativa de aliviar suas dores e a dos que sofrem ao seu redor.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que nos orienta e guia, ainda que por caminhos tantas vezes difíceis e obscuros à nossa interpretação e às forças que Dele derivam e que movem mundos, intencionam vidas, determinam destinos, provocam eventos e nos fazem sentir o que realmente somos: seres ao mesmo tempo frágeis e fortes, mas essencialmente capazes de resistir e sobreviver às intempéries.

Aos meus pais (*in memoriam*) que, onde quer que estejam, estão abençoando mais essa realização.

À minha família, de quem muitas vezes o tempo foi roubado para que este trabalho acontecesse, mas que nunca esteve ausente dos meus pensamentos e a quem todo o esforço é dedicado, por ser a razão maior de tudo. Ela soube ser compreensiva em todos os momentos, principalmente quando tive meus próprios medos, angústias e anseios.

Ao coordenador do Mestrado em Defesa e Segurança Civil da Universidade Federal Fluminense, Prof. Airton Bodstein de Barros, por estimular a reflexão em um tema tão urgente em nossa sociedade, permitindo que se discuta a abrangência de uma realidade que não pode ser ignorada.

Em especial ao Prof. Fernando Cordeiro Barbosa, pela presença firme, constante, aberta ao conhecimento e à criatividade, bem como por sua confiança e valiosa orientação acadêmica.

Aos membros da banca de qualificação, Dr. Airton Bodstein de Barros e Alexandre Belchior, mestre em Defesa e Segurança Civil, pelas valiosas observações e contribuições acadêmicas a este trabalho.

A todos os colegas de curso, pelas partilhas agradáveis e amizades construídas em meio a dramas e desastres, mas que por isso mesmo nos fortaleceu diante da vida e da esperança em

um mundo melhor. Um carinho mais do que especial às queridas companheiras nas alegrias e agruras desta caminhada: Valéria Vanda, amizade antiga e sempre presente, atenta aos todos os infinitos momentos; Kátia Mariana, que se aproximou nesta caminhada; e, de forma especialíssima, Carmen Lúcia que, sempre alegre e espirituosa, foi incansável em motivação, parceria e intermináveis conversas no Facebook sobre temas de trabalho e sobre banalidades, ambos necessários à manutenção de um cotidiano saudável.

Ao professor e diretor da Editora da UFF, Prof. Dr. Mauro Romero Leal Passos e ao meu chefe imediato, Ricardo Borges, pela concessão do tempo necessário para a condução deste mestrado e pela compreensão nos momentos em que estive ausente.

Aos queridos e solícitos Danielle e Ricardo, sempre prontos a nos auxiliar e dos quais terei ótimas lembranças, assim como da Ludmila.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEPED	Centro Universitário de Estudos e Pesquisas em Desastre (UFSC)
DVC	Dissociação Visual-Cinestésica
EM-DAT	Emergency Disasters Data Base
EIRD	Estrategia Internacional para la Reducción de los Desastres, de las Naciones Unidas (Secretaria da Estratégia Internacional para Redução de Desastres)
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
GMar	Grupamento Marítimo
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PADRU	Federação Internacional de Cruz e Crescente Vermelho Unidade Panamericana de Resposta a Desastre
WSPA	<i>World Society for the Protection of Animals</i> (Sociedade mundial de proteção aos animais)
WTC	<i>World Trade Center</i>

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: O ABRAÇO EM MEIO AO CAOS, DE FERNANDO COSTA	55
FIGURA 2: RESGATE DAS VÍTIMAS DO ACIDENTE NOS ANDES, 1972.	60
FIGURA 3: FILME <i>O IMPOSSÍVEL</i> , 2012.....	62
FIGURA 4: FILME <i>VIDA E NADA MAIS</i> , 1991.....	63

SUMÁRIO

RESUMO	2
ABSTRACT.....	3
INTRODUÇÃO	4
1. MEDO - UMA EMOÇÃO INDISPENSÁVEL.....	13
2. CONTEXTOS DE UMA EMOÇÃO INERENTE	25
2.1. A EMOÇÃO DO MEDO	29
2.2. A RESILIÊNCIA COMO PRESSUPOSTO PARA SUPERAÇÃO DE MEDOS EM SITUAÇÕES CRÍTICAS.....	33
3. EMOÇÕES EM AÇÃO - SUPERAÇÃO NAS AÇÕES DA DEFESA E SEGURANÇA CIVIL	39
3.1. EXPERTISE E CONFIANÇA	51
3.2. PERSPECTIVAS.....	55
4. EMOÇÕES EM CENA – VIDAS QUE RESGATAM VIDAS.....	57
5. CONCLUSÃO	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	71

RESUMO

Este trabalho invoca um tema recorrente nas consequências de eventos adversos, naturais ou causados pelo homem: emoções, com foco na emoção do medo. Dificilmente uma catástrofe não deixa sequelas e invariavelmente o medo está entre as mais frequentes. A questão ou problema de pesquisa mais premente é determinar em que medida o medo se torna um aliado nas possíveis ações da Defesa e Segurança Civil ou quando refletimos sobre o que ocorre com as vítimas em suas expressividades pós-traumáticas. Objetiva-se um caminho onde essas expressões possam contribuir positivamente, pela reflexão sobre as emoções, sobretudo a do medo, para o fortalecimento das experiências e da resiliência em situações de calamidade. A apreensão de diferentes olhares é fundamental para que se permitam outros caminhos na discussão sobre ações de Defesa e Segurança Civil. Assim, é vital que diálogos aconteçam e agreguem novas perspectivas para a construção de múltiplas formas de entendimento e condução destas ações. Igualmente a contribuição da arte, que se faz presente na tentativa de elucidar o emaranhado de emoções que surgem nos eventos que resultam em tragédias. A filmografia existente é extensa e abrange desde pequenos acidentes até catástrofes naturais, em vários níveis. Assim, buscam-se meios na tentativa de compreender a emoção vivenciada, que possa viabilizar possibilidades de prevenção e reconstrução de uma nova realidade.

Palavras-chave: emoções, medo, desastres, defesa civil

ABSTRACT

This work raises a recurring theme in the consequences of adverse events, whether natural or caused by men: emotions, especially the emotion of fear. A catastrophe hardly ever nature leaves no sequelae and, invariably, fear is among the most popular. The research question or problem more pressing is to determine to what extent the fear becomes an ally in the possible civil defense or when we reflect on what happens to the victims in their expressions posttraumatic. The objective is to construct a path in which these expressions can contribute positively, by reflection on emotions, especially fear, to the strengthening of experiences and resilience in disaster situations. The capture of different perspectives is crucial in order to allow other paths in the discussion about actions of Civil Defense. So, it is vital that dialogue happen and add new perspectives to build multiple forms of understanding and conducting these actions. Likewise, the contribution of art, which is present in an attempt to elucidate the tangled emotions that arise in the events that result in tragedies. The filmography is extensive and covers everything from small accidents to natural disasters at various levels. So, means are used as a way of understanding the emotion experienced, that can enable possibilities for prevention and rebuilding a new reality.

Key-words: emotions, fear, disaster, civil defense

INTRODUÇÃO

Abordar o universo no qual as ações de Defesa e Segurança Civil se concentram é como invadir um território vasto e imprevisível. Vasto porque abrange a estreita faixa da atmosfera que compõe o nosso mundo habitável, mas que compreende toda a amplitude da nossa ocupação territorial e existencial. Imprevisível porque nesta extensão as emoções e desafios da mesma existência coexistem, se acomodam e se conflitam. Este conflito envolve todos os eventos que levam a possíveis calamidades, sejam as mudanças climáticas e oscilações na crosta terrestre, sejam as variações no ar, na água e na terra, sem desconsiderar a contribuição do fogo nos cataclismos dos quais todos os elementos participam. Tais eventos, quando atingem o homem, geram catástrofes capazes de dizimar vidas e esperanças. Mas não somente eventos de origens naturais, ainda que sejam considerados os relacionados à influência humana, participam desta seleção. Crises econômicas, sociais, existenciais e tecnológicas, são igualmente responsáveis pelo aumento do risco na sociedade em que vivemos. Praticamente não há como dissociar a tensão cotidiana – seja esta física ou virtual, em função da cultura globalizada disponível e até mesmo cultivada, pelos meios de comunicação – da referência a um risco iminente. É como se a humanidade estivesse mergulhada em um barril de pólvora prestes a explodir.

O sociólogo alemão Ulrich Beck (2010, p. 12) abre a polêmica quando problematiza a chamada sociedade de risco. Segundo ele, a sociedade da qual a humanidade participa sugere

um difícil equilíbrio entre as contradições de continuidade e cesura na modernidade, que se refletem mais uma vez nas oposições entre modernidade e sociedade industrial e entre sociedade industrial e sociedade de risco.

É justamente este equilíbrio que está em jogo. Trata-se de uma sociedade na qual a inerência da imprevisibilidade da natureza precisa estabelecer um diálogo entre as “dicotomias ordenadoras do mundo” e este certamente não é um diálogo simples e fácil. Ao contrário, pressupõe entendimentos, concessões e superações. Entretanto, estabelecer diálogos é tão necessário quanto desenvolver ações e, nas questões relativas à promoção e manutenção

do valor e da qualidade da vida, torna-se imperioso que haja um intercâmbio eficaz entre o pensar e o fazer. Nas questões relativas à Defesa e Segurança Civil, esta disposição para o diálogo ainda está se construindo, pela contribuição de todos os atores ativos deste processo.

Nesse contexto insere-se a Defesa e Segurança Civil, em sua missão de mitigar os danos causados pelas intempéries das situações de desastre, além de incrementar políticas de prevenção, preparando-se para emergências e desastres, possibilitando uma resposta imediata frente aos mesmos e contribuindo para a reconstrução da vida em sociedade. Sua principal função, segundo o Ministério da Integração Nacional, através da Política Nacional de Defesa Civil (2007), é “garantir o direito natural à vida e à incolumidade”, numa clara referência à necessidade premente de preservação e manutenção da qualidade de vida em circunstâncias de crises e de desastres. Mas dentro de uma perspectiva factual, diante de uma realidade multifacetada, esta função revela-se árdua e complexa, pois interage valendo-se da transdisciplinaridade de áreas nem sempre afins, além de implicar em articulações não somente políticas, mas de diversos setores da sociedade.

Assim, quando consideramos este contexto social complexo, no qual é preciso buscar caminhos que levem a uma clareza espacial, mental e existencial, refletir sobre as questões emocionais nos desastres humanos, especialmente os de natureza social, é essencial como pressuposto para a adoção de qualquer ação em momentos de crise, seja em vista de um projeto de prevenção ou minimização de desastres de origem natural, seja na reconstrução e recuperação de áreas atingidas que envolvem seu principal elemento: o homem – vítima, pela sua constante condição de vulnerabilidade¹, em decorrência de crises sociais ou de desastres propriamente ditos, seja de que natureza for, e de todas as suas consequências.

Esta consciência e reflexão devem se voltar à construção de uma sociedade mais saudável e segura, com perspectiva ao modo de ser próprio e produtivo do homem no seu mundo peculiar. Como assinalado por Barros & Barros (2012, p. 686),

¹ Segundo definição no Glossário da Defesa Civil (p. 188) vulnerabilidade é a “Condição intrínseca ao corpo ou sistema receptor que, em interação com a magnitude do evento ou acidente, caracteriza os efeitos adversos, medidos em termos de intensidade dos danos prováveis. É o inverso da segurança”.

a designação de desastres sociais ao invés de naturais talvez fosse mais apropriada, já que um desastre natural sem vítimas humanas, sem perdas materiais ou não materiais para a sociedade, não pode ser considerado.

Em se tratando de uma pesquisa que tem por base um aspecto essencialmente reflexivo, a metodologia seguiu um caminho óbvio que buscou, além da pesquisa bibliográfica e iconográfica, respaldo no embasamento da pesquisa de campo, onde o caráter exploratório, obtido através dos relatos de agentes de defesa e segurança civil envolvidos no processo das ações, no socorro e amparo às vítimas, também se materializou através das entrevistas gentilmente cedidas. O material captado em áudio e em olhares *in loco* permitiu agregar uma tentativa de consideração das questões que permearam o objetivo do trabalho, ou seja, a valorização das emoções e da importância em olhar e ver e perceber o outro, de estabelecer não somente um contato vital na manutenção da vida, mas também de permitir que pudesse haver um transporte de sentimentos, de forma a garantir que a valorização da vida não seja um ato mecânico e que as possibilidades de reconstrução emocional resiliente sejam válidas.

Este estudo busca, objetivamente, além de atribuir valor às emoções vivenciadas em situações de risco e crise, refletir sobre um caminho onde essas expressões emocionais, especialmente a emoção do medo, possam contribuir para o fortalecimento das experiências em situações de calamidade e expor a importância destas no contexto da Defesa e Segurança Civil. A pesquisa foi elaborada através de uma interdisciplinaridade sem, entretanto, ter a pretensão de fechar qualquer questão, uma vez que o tema ainda está em aberto e não possui uma literatura voltada especificamente à questão. Portanto, houve um limite no presente estudo que, entretanto, não deixou de ser pretensioso, pois abre um campo válido para pesquisas e produções futuras.

Por sua formação na área de filosofia, com especial foco na filosofia clínica², a autora deste trabalho intenciona abrir uma perspectiva futura também de âmbito clínico, em seu sentido grego (*Kliné*), que implica diretamente na observação direta e cuidadosa de uma dada situação em um contexto reflexivo. A autora pretende enfocar a questão da segurança e da proteção civil não em bases filosóficas, pois esta reflexão – embora urgente – ainda está se construindo. O enfoque pretende que seja a partir de um estudo multidisciplinar em que esses pressupostos possam se estabelecer, especialmente no contexto emocional. A Defesa e Segurança Civil carece de uma abordagem que implique neste direcionamento, de forma a contribuir para o entendimento, reconstrução e revalidação de sentido existencial após eventos adversos. As ações de defesa e segurança civil, em seu sentido mais amplo, implicam diretamente na questão da proteção civil. Afinal, tanto defender quanto segurar refere-se à ideia de proteger. E o valor atribuído à proteção no contexto atual é algo indiscutível e necessário, pois o pressuposto é o de que algo nos ameaça e aflige, não somente na extensão dramática e óbvia dos eventos adversos, mas também nas situações cotidianas, onde a violência dita a tônica de uma urgência sempre na iminência de se tornar presente. Existe, portanto, uma demanda por proteção contínua e eficaz, fortemente vinculada à confiança estabelecida, que respeite as leis vigentes, mas que também conceda liberdade e segurança.

No primeiro capítulo cuidamos de nos situar e estabelecer links entre contextos diversos com a Defesa e Segurança Civil, pois esta é parte da necessidade humana: compreender o mundo a sua volta e vincular os parâmetros necessários à sua compreensão. É através da linguagem que invocamos o sagrado ato da comunicação, fundamental em tempos de crise. Assim, alguns esclarecimentos sobre termos e critérios são fundamentais. Não se trata qualquer questão da Defesa e Segurança Civil sem que se tenha uma noção, ainda que aproximada, do que se considera risco e, mais especificamente, percepção de risco.

Em toda situação que envolva ações de defesa e segurança civil há riscos, sejam eles perceptíveis e passíveis de dimensionamento ou não. Até mesmo o enfrentamento que resulta desta percepção está imerso no risco, como se uma bola de neve desencadeasse uma

² Filosofia Clínica. Segundo Lúcio Packter, o precursor no Brasil, é uma abordagem terapêutica, com base em conceitos e correntes filosóficas – historicidade, fenomenologia, analítica da linguagem, epistemologia, logicismo, entre outras – que atende, singularmente, às questões existenciais.

avalanche de condições necessárias a essas ações. Percepção é vital, não só dos riscos, cujas leituras são imediatas, mas do evento como um todo: condições que o precipitaram, entorno (ambiente ao redor), a qualidade de vida da sociedade vitimada, como aspectos educacionais e sociais. Pode se configurar um aparato excessivo quando a principal intenção é salvar vidas em situações emergenciais. Porém, buscar uma condição de expertise em questões de defesa e segurança civil não implica apenas a capacitação nas diversas modalidades a que as circunstâncias demandam, mas demanda estar apto a compreender, em toda a extensão, as interatividades sobrepostas e, especialmente, o imenso oceano de emoções às quais as pessoas que participaram da ocorrência estão sujeitas. Diálogos devem se fazer presentes no entendimento sobre todo este contexto de percepções, riscos, perícias, confiança, mas, principalmente, sobre a emotividade que conduz todo esse processo.

Nossa realidade – o mundo e a época em que vivemos – requer inúmeras reflexões sobre temáticas multidisciplinares, onde novas questões e diferentes dramas surgem nas sociedades modernas. A mentalidade da cultura do risco precisa ser incorporada a esta modernidade em andamento, orientando reflexões, debates, ações e produção acadêmica em múltiplas áreas agregando cada vez mais conhecimentos na intenção de minimizar o dano que os desastres mistos podem causar. Trabalhar com estas questões no cotidiano, de forma a agregar um conhecimento preventivo e eficaz demanda uma cultura de risco disposta a conduzir a multiplicação destes saberes, bem como a prevenção dos mesmos. O saldo é uma sociedade mais integrada e consciente de sua participação e de sua importância no contexto dos eventos.

Entretanto, seja qual for a via escolhida para esta condução, cabe lembrar que só existe desastre e calamidade por conta do fator humano. O que quer que exista, assim é por causa das pessoas, dos seres que se prezam e se desprezam, mas que são essencialmente emotivos. E, em caso de ocorrências de eventos – a nível cotidiano ou em proporções de calamidades que assolam regiões ou até países, na maior parte deles com uma carga extremamente forte de perdas humanas e materiais – o medo, entre outras, se constitui como uma emoção intensa e determinante na condução das ações e da confiabilidade imprescindíveis em momentos de desespero e socorro. Atender às questões de integridade física é algo próximo ao indiscutível, porém atentar para as necessidades emocionais, que podem por vezes interferir na qualidade do atendimento, é tanto ou até mais importante. As paisagens físicas são bruscamente

alteradas, sem aviso prévio e sem a clareza da importância de tais questões, pode ocorrer uma banalização destas ações e, assim, não haver mais pontes seguras entre o passado e o futuro na singularidade das pessoas e comunidades envolvidas.

No segundo capítulo, trataremos de refletir um pouco mais sobre como a emoção do medo se constitui. Um breve recuo para apreender filosoficamente como a emoção se definiu é interessante, uma vez que as bases lógicas dos pilares que formaram nossa sociedade ainda estão nesta disciplina, além, é claro, de ser importante levantar a intenção da reflexão nos contextos da Defesa e Segurança Civil, pois não se trata somente de uma área pragmática; ela envolve significativamente a questão sobre os valores presentes na vida, além da forma e do porquê de preservá-los. Os medos não são prerrogativas somente das vítimas que se somam a cada evento dramático. Eles se incluem nas andanças constantes dos riscos diários. Medos podem ter perspectivas individuais, culturais e/ou universais, mas o fato é que também determinam destinos, seja da economia local ou mundial ou da expectativa da próxima tormenta. Entender o foco do medo e seus sintomas mais frequentes é fundamental para que a superação, em qualquer nível, seja possível.

Soma-se ao medo o clima de insegurança que o gera e que acalenta a sociedade conturbada na qual nos inserimos. Poucas culturas podem se considerar – se não isentas – próximas de uma perspectiva ideal de vida. Daí a necessidade da abordagem, a urgência da consideração e a importância da temática relativa à defesa e segurança civil.

A capacidade de enfrentar situações adversas e moldar-se, adaptando-se, a novas situações, requisita uma conscientização anterior e uma precondição para que este enfrentamento seja possível. Assim, a atitude de reflexividade, que indica a confiança estabelecida entre sociedade e a atividade perita, exerce um papel fundamental no resgate de vítimas em um dado evento. Porém, a reflexividade vai além deste momento. Na verdade, cuidados e atendimentos, em situações de salvamento e resgate, implicam numa relação delicada de confiança que por sua vez, demandam obrigatoriamente uma predisposição em afinar atitudes e emoções.

Não raro esta sincronia ocorre nas infinitas e nem sempre visíveis situações de socorro. As alteridades se alternam em ações de resgate. Assim, no terceiro capítulo, a

intenção é compreender sobre as lacunas na postura social perante os riscos. A sociedade ainda precisa se mobilizar perante os acontecimentos que a afligem e ser mais bem informada e esclarecida quanto à importância e à necessidade deste conhecimento e participação, para que os riscos reais sejam melhor avaliados e contornados quando possível. Toro (1996) nos convida: “mobilizar é convocar vontades para atuar na busca de um propósito comum, sob uma interpretação e um sentido também compartilhados”. Mobilizar é também trazer entendimento às questões relativas à causa proposta.

Portanto, é fundamental que haja maior interatividade, até mesmo para que as mobilizações das entidades responsáveis pela ação de resposta sejam bem sucedidas. Conhecer sobre aqueles que emprestam suas atitudes em prol dos que sofrem na emergência de suas necessidades é igualmente válido, de forma a dimensioná-los na esfera correta de percepção. São os agentes da Defesa e Segurança Civil quem, após eventos críticos, saem em campo para resgatar, salvar e auxiliar vítimas imersas em seus sofrimentos.

Contudo, nestes embates em campo, eles também se configuram como vítimas, especialmente quando suas famílias (além deles próprios) estão na zona de ocorrência do evento em pauta. A situação recente das Filipinas, atingida pelo supertufão Haiyan, com ventos de cerca de 300 Km/h, foi um dos eventos adversos de causas naturais de proporções extremas e dramáticas e que se constituiu também como um emblemático e triste exemplo das dificuldades no acesso ao socorro. Muitas das vítimas fatais das principais regiões atingidas, as ilhas de Leyte e Samar, provavelmente não puderam ser socorridas e salvas em tempo hábil, em parte devido ao fato de que os agentes responsáveis foram igual e fatalmente vitimados pelos ventos, que mataram milhares de pessoas, segundo dados da ONU, citando relatórios do Departamento Filipino de Assistência e Desenvolvimento Social. Situações como esta, com dramaticidade a níveis alarmantes atingem todos, assim como o medo, o terror subsequente pelas condições pandemônicas resultantes: fome, sede, falta de condições assistenciais, hospitais destruídos, saques e uma estrutura emocional completamente despedaçada.

Em entrevista³ concedida em 11/11/2013, a vice-diretora do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, Graziella Leite Piccolo, falou sobre essa dificuldade de acesso aos locais atingidos e de comunicação, além do enorme caos que o país enfrenta. Destacou também a resiliência deste povo que, embora vulnerável e acostumado a sofrer as vicissitudes constantes dos desastres de origens naturais na região, consegue se reerguer e sobrepujar dores e medos na reconstrução de suas vidas, talvez graças ao fato de que a mentalidade do risco, da tragédia, faça parte de sua realidade. Semelhanças e diferenças à parte, de um modo geral, estamos todos, sem distinção, vulneráveis a situações críticas, sejam elas de dimensões extremas ou de caráter corriqueiro e cotidiano.

Ainda dentro da questão da segurança dos agentes, lembramo-nos daqueles vitimados pelo acidente do Césio 137 que, neste caso, foram vítimas do descaso das autoridades pelo bem estar dos mesmos, em parte pela falta de equipamento de proteção individual, em outra devido ao desconhecimento a que estiveram submetidos. Os discursos e as versões quanto à sequência dos acontecimentos diferem entre autoridades e vítimas, no caso os próprios agentes envolvidos na operação de contenção, controle e descontaminação das pessoas e locais do evento radiológico. Outras classes de trabalho tornaram-se igualmente vítimas anunciadas, tais como médicos e profissionais de saúde em geral. As vítimas buscaram se associar, de forma a reivindicar e atribuir responsabilidade do ocorrido aos órgãos competentes, mas a relação vítima-autoridade não é uma relação propriamente tranquila. O fato é que a obrigação de conceder proteção aos cidadãos cabe ao Estado ou à União e eles (os cidadãos) foram sistematicamente negligenciados e desprovidos da proteção devida. E, obviamente, além da questão física, as emoções vivenciadas foram imersas num turbilhão, onde não só o medo e a angústia foram intensos, mas igualmente a indignação e a revolta.

No momento de uma tragédia, não há distinção de classes e cores, apenas seres humanos que sofrem em sua primitiva condição: a sobrevivência. Agentes da Defesa e Segurança Civil, em qualquer lugar, igualmente sofrem e se contaminam com as lágrimas e as dores que presenciam. Também eles, como todos, precisam de assistência e cuidados. Através de entrevistas realizadas, muitos destes agentes fizeram relatos a partir de suas próprias

³ <http://globo.com/globo-news/jornal-globo-news/v/dificuldade-de-acesso-complica-trabalho-da-cruz-vermelha-nas-filipinas/2949798/> (Acesso em 16/11/2013)

experiências e externaram suas apreensões com a vida dos que socorrem e a de si mesmos e de seus colegas. Pois todos buscam segurança e integridade, assim como qualidade de vida; todos anseiam por uma condição na qual possam responder de forma favorável às ocorrências a que estão sujeitos.

No quarto e último capítulo constatamos o quanto o ser humano parece ter uma necessidade intrínseca de registrar e narrar os feitos e desfeitos de suas emoções, particularmente as mais intensas e dolorosas. Assim, os mais diversos registros fotográficos e cinematográficos tomaram a si esta função: a de perpetuar e extravasar, da forma mais realista possível, a dramaticidade constante dos eventos. É óbvio que nem sempre a ficção consegue dar conta da dimensão absurda a que alguns desses eventos alcançam, porém é possível pincelar, com razoável aproximação, as calamidades que são emblemáticas e que se configuram dignas de representação. Buscou-se, pois, algumas películas ilustrativas que proporcionassem uma visão mais clara e imprimissem plasticamente eventos e suas decorrências, sempre com ênfase na emoção envolvida.

Assim, esta pesquisa intenciona, hipoteticamente, formular a questão sobre a reflexão e análise acerca do contexto da influência das emoções e sua contribuição para as ações da Defesa e Segurança Civil em toda a sua abrangência, e inferir possíveis meios para este alcance.

1. MEDO - UMA EMOÇÃO INDISPENSÁVEL

A Terra é um planeta imerso em atividades, todas interligadas em certo nível. Algumas dessas atividades estão tão intrincadas que sua interdependência acontece em patamares onde ainda não é possível penetrar. Pode-se dizer que quase não há como conceber eventos isolados da participação humana e – com exceção daqueles de origem natural que se manifestam com consequências apenas locais, isoladas da presença do homem – geralmente há resultados dramáticos, com graves implicações, em termos físicos, materiais e emocionais.

Está implícita a noção de que o homem é, quase sempre e paralelamente, mentor, contribuinte e vítima de tudo o que se insere na natureza. Lembrando a fala do Cacique Seattle, em 1855, *O homem não tece a teia da vida: É antes um dos seus fios. O que quer que faça a essa teia, faz a si próprio.*⁴ Portanto, estamos profundamente conectados à teia de todos os eventos, inclusive dos que se desdobram a partir de acontecimentos inesperados. Estes, por sua vez, resultam em emoções: estas quase sempre fortes, densas e intensas. Entre elas, a emoção associada ao medo é uma das mais recorrentes. O elo existencial no qual se concentram as emoções nos afeta direta ou indiretamente, embora nossa participação na manipulação deste e na interatividade entre elas seja sempre questionável.

Pode-se dizer que é virtualmente impossível desconsiderar emoções nos contextos humanos. São como um fio condutor determinante nas ações de qualquer natureza, bem como a essência da expressão de uma espécie assumidamente intempestiva e instável, mas magistralmente encantadora em seus infinitos devires. Através das emoções, feitos e glórias vêm sendo cantados e contados, e assim perpetuamos a história que nos define como somos.

A natureza humana é objeto de estudo desde que nos foi possível ter a percepção da existência, de ser e estar presente no mundo. E estar no mundo é ter coparticipação em seus

1. ⁴ Lembrando a fala do Cacique Seattle, em 1855, *O homem não tece a teia da vida: É antes um dos seus fios. O que quer que faça a essa teia, faz a si próprio.* Carta do Cacique Seattle. Para ler a carta na íntegra, acessar o link: <http://www.culturabrasil.pro.br/cartaindio.htm> (acesso em 20/11/2013);

eventos. Em qualquer um destes eventos, entretanto, o que deve importar é a impressão de sentido desta participação ao dado concreto, ou seja, a importância valorativa da presença humana na ocorrência em si, seja esta individual ou coletiva. Dificilmente eventos e emoções estarão dissociados, uma vez que calamidades costumam acometer tanto individualmente como no âmbito das comunidades, ainda que em algumas pontualmente.

Importante considerar que qualquer ocorrência, por menor que seja, não deve ser considerada menos grave pelo fato de seu registro oficial ter menor impacto. A vida de qualquer ser humano, indiscutivelmente, é e sempre será imprescindível, apesar das estatísticas em desastres – as mesmas que iniciam a contagem a partir de determinado número de óbitos ou de pessoas afetadas, segundo os critérios adotados no Relatório Estatístico Anual do EM-DAT (*Emergency Disasters Data Base*) (2007), a saber – sugerirem outra interpretação:

- 10 ou mais óbitos;
- 100 ou mais pessoas afetadas;
- Declaração de estado de emergência;
- Pedido de auxílio internacional

Assim, seja em que estatística for, a ação de prevenção, em especial, deve ser sempre um pressuposto em andamento para evitar que qualquer vida venha a óbito. Preservar a qualidade da vida é igualmente vital para que temores desnecessários sejam contabilizados. Entretanto, este tipo de preservação – da qualidade de vida – pode se tornar um conceito de complexa análise, sob a aura da dita modernidade, ainda que a referência ao conceito de modernidade seja algo controversa. À parte a compreensão de que qualidade de vida está intimamente relacionada à culturalidade, Giddens (1991) considera existir uma descontinuidade no desenvolvimento social moderno, com base no ritmo e no escopo da mudança, além da natureza intrínseca das instituições, interpretando que seus conceitos e aparatos implicam na instauração de uma nova perspectiva, com novos fundamentos filosóficos para redefinir a modernidade, de forma que esta entenda a si mesma e proporcione meios para que ações necessárias, especialmente na área da Defesa e Segurança Civil (dado o elevado índice de eventos adversos) sejam justificadas. Sem dúvida, é vital que reflexões neste âmbito aconteçam, uma vez que as adversidades provocam consequências extremamente críticas, na maior parte de suas ocorrências.

Desse modo, a importância do entendimento com relação à percepção do risco – seja ele aceitável ou não e visando os objetivos globais da Defesa e Segurança Civil: prevenção, preparação e resposta aos desastres, além da assistência e reconstrução – é fundamental para o desenvolvimento de uma cultura envolvida emocional e participativamente. Para Giddens, o risco aceitável (ou a minimização do perigo) é aquele que “varia em diferentes contextos, mas é geralmente central na manutenção da confiança” (Idem, p. 42), sendo avaliado de acordo com os níveis de confiabilidade da população nos sistemas responsáveis pela defesa e segurança civil. Esta confiabilidade, porém, também precisa ser conquistada através das relações estabelecidas nas interseções válidas entre os sistemas e as pessoas e para isso é preciso que haja eficiência de um lado e conhecimento mínimo sobre as questões pertinentes a esse sistema de outro.

Atualmente, há meios – diretos e indiretos, como redes sociais e afins, e também através de práticas educacionais voltadas ao tema – de tornar alguns procedimentos mais familiares e correntes, de forma a favorecer o entendimento e acompanhamento de determinadas ações. Giddens (1991, p. 104) distingue as culturas pré-modernas e modernas, a partir de um contexto geral que se pauta nos ambientes de confiança e risco. Segundo ele, nas *culturas pré-modernas* haveria uma importância excessiva na confiança localizada, com relações de parentesco, comunidade local, cosmologias religiosas e tradição que indicavam algo localizado, próximo e organizado, de forma a criar laços sociais ao longo do espaço-tempo, com apoio providencial e conectado. As ameaças e perigos emanavam da natureza e os riscos advêm mais intensamente da mística vigente. Já nas *culturas modernas* as relações de confiança em sistemas abstratos estariam desconectadas, “desencaixadas”, com relações pessoais visando estabilizar laços sociais, em extensões indefinidas de tempo-espaço e pensamento orientado para o futuro. As ameaças e os perigos emanam da reflexividade da modernidade, com processos de violência industrializados e certa falta de sentido pessoal derivada desta reflexividade. Entretanto, apesar das comparações entre os contextos e parâmetros de riscos e confiança nas sociedades pré-modernas e modernas, dissociadas por razões metodológicas e cronológicas, serem válidas, alguns aspectos considerados também deveriam ser abordados em ambos os contextos, pois pertencem às culturas em geral e não se diferenciam nos meandros do cotidiano. Ou seja, as relações interpessoais são quase sempre complexas e algumas cosmologias e tradições não se alteraram ao ponto de serem descartadas.

Claro que a espacialidade não é mais estática e os efeitos da globalização se fazem sentir, mesmo que com intensidades e sentidos diferenciados, até nas comunidades mais longínquas e precárias. Mas ainda que as conexões estejam, a cada dia, mais difusas, a humanidade não perdeu sua mais básica característica, que é a socialização em termos gerais.

Na modernidade as ameaças se apresentam cada vez mais reflexivas, especialmente devido à imensa interferência humana em todos os alcances, porém continuamos sujeitos à intempéries imprevisíveis da natureza, que não costuma enviar avisos. E a violência, tanto quando sua capacidade intrínseca de se socializar, está presente de forma perene em distintas sociedades, tornando o valor atribuído à vida banal e descartável. São as emoções estabelecendo seus próprios protocolos que, apesar do dito inevitável, mas também indefinido e impreciso processo evolutivo envolvendo tecnologia e novas formas de convivência, ainda insiste em trazer à tona aspectos negativos da existência, tais como a fome persistente num mundo já tecnologicamente capaz de conter esta urgência; a violência gratuita resultante do descaso com a condição humana e suas necessidades mais básicas, a corrupção que assola sociedades e que coloca a perder todo o esforço de justiça e equidade; a ganância e o poder desenfreados que desvirtuam as conquistas significativas já realizadas. Todos estes pontos são pertinentes à percepção do risco a que estamos sujeitos, pois envolvem situações concretas ou abstratas que precisam ser esclarecidas para que os níveis de confiança sejam redefinidos.

Debates em andamento, no contexto deste trabalho, Douglas e Wildavisky (2012, p. 6) entendem que:

“A percepção do risco é um processo social. Toda sociedade depende de combinações de confiança e medo. O aprendizado a respeito do medo deveria ser um caminho alternativo para a compreensão da confiança. Há temores físicos, outros sociais; talvez os medos físicos não ameçassem sobrepujar os cidadãos caso estes confiassem na justiça e nas estruturas de apoio social.”

Os autores indagam sobre quais seriam os riscos reais, de que forma são conduzidos e quais são os critérios para a determinação dos mesmos. Mas indicam que por trás está um aparato social variante, que estrutura comportamentos e aferem julgamentos de risco,

conduzindo à ideia de que “a seleção dos riscos com que se preocupar depende das formas sociais escolhidas” (Idem, p. 8). Assim, em uma perspectiva relativista, sugerem haver o que chamam de uma “teoria cultural de percepção”, ou seja, o risco estaria condicionado à cultura que o avalia, assim como às emoções que conduzem esta avaliação, muitas vezes até mesmo por conveniência.

Na especificidade de cada cultura, é importante observar que alguns riscos podem ser até mesmo valorizados, uma vez que são possibilitadores de uma melhor qualidade de vida, como é o caso de ofertas de trabalho em locais considerados potencialmente perigosos em linhas gerais. Dentro do contexto onde a escolha opta pelo risco menor, as emoções associadas ao risco e ao perigo do enfrentamento ficam em segundo plano e podem até mesmo ser descuidados. Para Bauman (2008, p.18), entretanto, a ideia de risco é mais fronteiriça e deve ser entendida como “os obstáculos que ficaram próximos demais para a nossa tranquilidade e não podem mais ser negligenciados”. Ele alerta para o perigo da negligência quanto à falta de credibilidade com relação aos riscos potenciais e quanto à banalização devida às emoções que os envolvem, pois entende que “nenhum perigo é tão sinistro, nenhuma catástrofe fere tanto quanto as que são vistas como uma probabilidade irrelevante” (Idem, p. 24).

De fato, viver em segurança demanda cuidados constantes e atenção voltados ao planejamento e à prevenção, ambos adequados à época e aos espaços considerados, de acordo com os parâmetros específicos a cada situação. Não se pode colocar no mesmo contexto o que seria conveniente, neste sentido, a uma sociedade cuja base estrutural está pautada nos fluxos de um vulcão dito extinto ou de uma cuja base se pauta nas águas turbulentas de um rio ou do mar, ainda que haja perigos e riscos que expõe o planeta de formas tais que estes podem ser considerados unânimes. No entender de Giddens (1991, p. 127), o risco moderno tem múltiplas faces: intensidade (guerra nuclear), expansão da quantidade de eventos contingentes (grandes mudanças sociais), meio ambiente criado (ou natureza socializada pela interferência humana), desenvolvimento de riscos ambientais institucionalizados (mercado de investimentos), as ditas lacunas de conhecimentos (crenças e certezas populares), a conscientização do risco e a consciência das limitações da perícia (“nenhum sistema perito pode ser inteiramente perito em termos das consequências da adoção de princípios peritos”). Porém, é possível acrescentar mais faces a este conceito, uma vez que igualmente nos

arriscamos em outras circunstâncias: no amor, no jogo, no cotidiano simples e corriqueiro e até nas forças inconsequentes da natureza. Viver é arriscar.

Todas as emoções são necessárias para condução da vida, mas, na condição do risco e da sobrevivência, algumas se configuram mais essenciais que outras. Neste sentido, o medo se constitui como algo a ser culturalmente considerado para que haja perpetuação da espécie, preservação da cultura e elaboração de novas perspectivas. Neste caso, a referência não é ao medo paralisante, que engessa projetos e catapulta vidas, mas sim ao medo saudável, que proporciona elementos justificantes em todas essas situações.

O medo era, provavelmente, a característica mais preventiva de que os ancestrais humanos dispunham; dependemos dele para a sobrevivência. Assim, riscos e perigos iminentes eram muitas vezes evitados através das defesas naturais disponíveis, nas quais a emoção do medo estava mais diretamente envolvida. Esta é uma emoção que está presente em nossa vida cotidiana, de cada ser vivente, e sua definição, segundo Hollanda (2009), “um sentimento de viva inquietação ante a noção de perigo real ou imaginário, de ameaça; pavor, temor” está condizente com a angústia vivenciada, que não pode ser negligenciada ou descartada. O medo se constitui, pois, como um aliado na conformação do bem estar. Em situações reais ou imaginárias, prepara o corpo para suportar pressões extremas e reagir a situações de ameaça. Como estado psicofísico, elabora reações capazes de permitir ações que não seriam possíveis nas condições normais.

O medo é um constitutivo emocional do ser humano, uma emoção essencialmente subjetiva. Mesmo que envolva o coletivo, parte do pressuposto de que é um sentimento individual ou, mais apropriadamente, intersubjetivo, pois normalmente trata-se de uma relação entre sujeitos ou entre estes e um objeto, seja ele qual for. Em estado de temor associado ao desespero, cada fibra do corpo remete a lembranças de alguma experiência anteriormente vivenciada. Neste sentido, há um preparo inconsciente sobre como reagir diante de uma situação amedrontadora ou de desespero, ou ainda de sobrevivência. Em situações cotidianas, o medo pode ser gerenciado de forma mais amena, caso não se configure como uma fobia. Contudo, nas grandes catástrofes, os parâmetros podem ser insuficientes para dimensionar o alcance a que esta emoção está sujeita e, assim, os dramas vividos e narrados não conseguem dar conta de todo o terror que se abate sobre as vítimas.

Calamidades, como a que o Brasil esteve exposto recentemente, nas chuvas e enchentes que assolaram a Região Serrana do Rio de Janeiro, em janeiro de 2011, revelam que muitas vezes faltam palavras para expressar o drama vivenciado por todas as pessoas envolvidas: desde as vítimas diretas até as pessoas que apenas assistiram aos acontecimentos pelos noticiários, a sensação – guardadas as devidas (e necessárias) proporções – é a de que algo muito grave acontecera; algo que não pôde ser medido nem qualitativa nem quantitativamente, indo alojar-se nas estatísticas por conta da imensidão de seus números. Mesmo após três anos, em visita ao local, percebe-se que as marcas ainda estão visivelmente presentes, não só na geografia – drasticamente alterada – mas também na estrutura física e emocional das pessoas, bem como nas relações sociais, que culminam em distintos processos de desmistificação social. Dificilmente estas pessoas esquecerão o que lhes aconteceu – de forma súbita e inesperada – naquele verão de 2011. Relatos informais de profissionais que analisaram a situação sugerem ter ocorrido algo quase surreal, onde a conjunção de vários fatores (climáticos, geográficos, estruturais, sociais), improváveis de acontecerem simultaneamente, levaram àquele desfecho trágico. Apesar de, obviamente, as cidades em geral carecerem de controle e planejamento, não havia como prever a magnitude da tragédia que se abateu sobre a vida das pessoas. Cotidianos ceifados sob o império da natureza imprevisível e a eficiência do descaso.

Embora fizesse parte do rol de tragédias anunciadas, outro evento capaz de impactar mesmo o já conturbado contexto de ações da Defesa e Segurança Civil foi o ocorrido em abril de 2010, na cidade de Niterói/RJ. Conhecido como a tragédia do Morro do Bumba, contabilizou dezenas de mortos. Infelizmente mais um dramático evento que poderia ter sido evitado, dada à historicidade do local. A região, que foi não somente impropriamente ocupada, mas igualmente - situação mais dramática e surreal ainda – gerenciada pelo governo municipal e estadual que, ao invés de refrear a ocupação e coordenar a desocupação, com deslocamento orientado, buscou incentivá-la através de algumas melhorias, tais como infraestrutura básica, programas assistenciais e até entretenimento para a população, em troca do recolhimento das taxas por serviços de urbanização. Parece não ter havido disposição, por parte do governo, em realizar um estudo sério de percepção de risco com relação ao local. A população mais uma vez pagou, com suas vidas e seu sofrimento, o preço pelo descaso.

No caso específico do Bumba, moradores consultados em entrevistas realizadas no abrigo da Prefeitura, antigo 3º BI, em São Gonçalo/RJ, para onde foram levados e onde algumas famílias ainda estão abrigadas, relatavam o temor e a perplexidade que sentiam ao perceberem certos fenômenos, tais como mato pegando fogo sozinho em dias de intenso calor ou a presença desagradável do odor do gás metano que era visível em forma de fumaça, decorrente da presença do lixo acumulado. Infelizmente, porém, alguns temores são mais fortes que outros e a necessidade – sempre ela – costuma impelir as pessoas a procurarem o local mais adequado para se instalarem. Adequado não no sentido de correto, estruturado, mas simplesmente aquele que é possível aos seus poucos recursos. Assim, a anunciada e inevitável tragédia aconteceu. Uma tragédia que, lamentavelmente, poderia ter sido evitada, mas que se tornou um dos acidentes mais emblemáticos de uma cidade conhecida por seus altos índices de qualidade de vida. Infelizmente, estes e outros acidentes possuem um comportamento quase recorrente.

A dor, os medos e os traumas gerados por esse estatuto de dramaticidade não poderão jamais ser escalonados. Estas emoções continuam rondando a existência dos que a vivenciaram e, provavelmente, das próximas gerações, pela perpetuação dos dramas, contados através das histórias que serão narradas nas famílias, nas comunidades, como uma memória viva de que, em um determinado tempo, a situação saiu do controle; de que algo pode novamente acontecer e que, independente das probabilidades ou ainda que medidas sejam tomadas no sentido de prevenir – e até remediar – possíveis novos eventos, um alerta emocional será acionado, algo que provavelmente está ao nível do que pode ser considerado como uma pré-condição à adaptação do grupo afetado.

Porque medos podem ter uma conotação universal, mas sua vivência, seus mecanismos de resistência e superação são singulares. Cada indivíduo sente de forma única seu temor, seja em que nível for ou em que situação se apresente. A abordagem também é única e, mesmo que sejam recorrentes, não terão o mesmo impacto, muito menos a mesma intensidade ou o mesmo entendimento. Faz-se necessária a reflexão e o debate para buscar um alcance talvez impossível, mas imprescindível nas escolhas que direcionam a vida após eventos trágicos.

Tais eventos nos fazem refletir sobre a participação da mídia nos eventos adversos. Com uma disposição ambígua no tocante ao compartilhamento das informações sobre eventos de natureza crítica, por vezes os meios de comunicação oscilam entre uma transmissão realista e sensacionalista. Se por um lado a mídia se coloca de forma a não somente noticiar os acontecimentos, incentivando a necessária contribuição solidária, vital nestes momentos de crise, por outro expõe a situação a um nível de comoção que pode não corresponder exatamente às circunstâncias. Há fatos que são notadamente claros ao conhecimento e à opinião pública, mas há os que se escondem atrás de verdades convenientes àqueles que detêm o controle e domínio da situação, seja o governo ou instituições que, por alguma razão, manipulam fatos e imagens. Em qualquer perspectiva, é preciso ver além do óbvio e visitar as entrelinhas, até para que seja possível alcançar a dimensão do sofrimento e poder contribuir, acertada e positivamente, com relação ao evento em si e seus desdobramentos.

Entretanto, calamidades não se configuram somente a partir de eventos naturais, ainda que com a contribuição humana. Há muitas dramaticidades que resultam de outros fatores, tais como sociedades onde o medo é direcionado a partir da construção de elementos que o possuem como eixo, incutido nos cidadãos – e nem sempre subliminarmente. Ou seja, muitas vezes o medo é imposto como questão não de sobrevivência, mas como uma forma de estímulo a comércios ilícitos, benefícios duvidosos, tráfico e máfias, incentivando uma espécie de cultura do medo. Entretanto, pode ser que a percepção do terror funcione como um pano de fundo para permitir ações ilícitas ou insanas, podendo estas até mesmo passar despercebidas em algumas situações. Guerras santas são deflagradas e alimentadas orientando-se pelo poderoso fator do medo, ferramenta poderosa aos que intencionam manipulação e domínio e onde morrer e matar são atos quase divinos. Mesmo entre sociedades aparentemente organizadas e bem sucedidas, há desastres de origens sociais que são pautados em função de emoções que tendem a desarticular a sociedade estruturalmente, tais como a violência, o crime, as instabilidades sociais, culturais, frutos do descaso, essencialmente na educação, e que geram calamidades que, ao contrário das naturais, geralmente são anunciadas.

O teórico político americano Benjamin Barber (2005, p. 37) aponta que “o medo é uma arma muito mais potente contra os que vivem num clima de esperança e prosperidade do que contra os que vivem num mundo de desespero, sem nada a perder”, embora, neste caso, a

referência seja ao terrorismo. Argumento válido, mas é importante lembrar que sempre há o que perder. No caso do medo, o que pode ser perdido é o seu, por assim dizer, caráter salutar ou aquela essência vital que estimula o instinto de proteção e sobrevivência e que faz com que os homens se encontrem e se reconheçam na angústia da incongruente condição humana. A perda deste caráter instintivo, e também distintivo, pode dotar o indivíduo de uma apatia suspeita e perigosa; quase tão perigosa quanto o que o tornou assim. Algumas culturas, como a americana, parecem fazer do medo uma estratégia. Sua festejada democracia e liberdade de pensamento e ação são limitadas pela instauração de um medo que se apresenta velado, mas que exerce uma força tangível, presente na mídia e nas decisões políticas. O medo é um instrumento eficaz, capaz de demolir os mais densos sonhos e pretensões de segurança. E esta sensação está presente também em outras culturas, que se constroem pelo temor e pela sujeição. São populações que demandam proteção, de tudo o que as atormenta e do sistema que as orienta.

O medo também é cultivado pelo sofrimento contínuo ou por atrocidades existenciais que, de tão inseridas no contexto, já não se distinguem entre estados de alerta ou de contingência, ambos muitas vezes abonados pela força dos padrões culturais, tais como as recorrências das inundações, das estiagens e da seca, que se constituem como uns dos mais importantes padrões de eventos adversos considerados. Quando Beck (2010, p. 24) diz que “o processo de modernização torna-se reflexivo, convertendo-se a si mesmo em tema e problema”, já sinalizou sobre as situações recorrentes a que a sociedade como um todo está exposta e que muitas vezes, “a promessa de segurança avança com os riscos”. Sem intenções apocalípticas, o medo literalmente paira no ar quando se percebe que não só as condições climáticas estão mudando, mas igualmente que existe de fato certo mal-estar civilizacional, que agrega natureza e intencionalidade, justamente o que determina como a humanidade é e como se configura hoje, em termos de construções políticas e sociais. Viver é uma atitude que comporta riscos e todos, mesmo com medo do que possa advir, precisam entender e se preparar para quaisquer situações que se apresentem. Neste aspecto, Beck (2010, p. 39) nos alerta: “Riscos têm, portanto, fundamentalmente que ver com antecipação, com destruições que ainda não ocorreram, mas que são iminentes, e que, justamente nesse sentido, já são reais hoje”. Ele também sugere na sociedade de risco, o que impera é a assertiva do “tenho medo” e que a “solidariedade da carência é substituída pela solidariedade do medo” (Idem, p. 60).

Entende-se que todas as perspectivas de (e sobre) o medo constituem paisagens, estas chamadas pelo geógrafo chinês Yi-Fu Tuan (2005, p. 12) de “paisagens do medo”. São aquelas que se revelam cada vez mais presentes e próximas ao cotidiano humano. Segundo Tuan, a referência a essas paisagens “diz respeito tanto aos estados psicológicos como ao meio ambiente real” e “são as quase infinitas manifestações do caos, naturais e humanas”. Elas nos remetem constantemente aos referenciais de vulnerabilidade a que estamos sistematicamente expostos, seja em que âmbito for. Estas perspectivas geram angústias que, sob circunstâncias extremas, resultam em dramas diversos, muitos dos quais extenuantes para quem os sofre. No caso de situações extremas, acontece o que se chama de “angústia pública”, que seria o sentimento levado a proporções coletivas e de longo prazo, tais como o ataque às torres gêmeas (WTC) em Nova York, em setembro de 2001, o tsunami que invadiu a costa leste do Japão, em março de 2011 ou, muito recentemente, o superfuracão que invadiu regiões das Filipinas, em novembro de 2013, nos quais incontáveis vidas foram perdidas. Assistir, em tempo real, o que acontece e não ser capaz de qualquer ação provoca, invariavelmente, um sentimento perturbador de impotência e desolação. Acabamos por nos questionar como seria se acontecesse conosco, na região em que habitamos. Estaríamos preparados? Apesar de válida, esta pergunta remete, entretanto, a uma certeza: não é tarefa simples a preparação para eventos de grandes magnitudes. A dúvida permanece e o medo, a sensação sobre a qual nos debruçamos neste momento, nos acomete mais uma vez. Valêncio (2010, p. 34) reforça esta indagação, sugerindo uma perspectiva sociopolítica que reflete no cotidiano e que expõe a vulnerabilidade dos sujeitos envolvidos.

Medo e desesperança são algumas das expressões subjetivas da vulnerabilidade de determinados sujeitos. Decorrem, amiúde, da vivência cotidiana de interações sociais verticalizadas que insinuam, frequentemente, a legitimidade de práticas sociopolíticas supressoras e opressoras de modos de pensamento, hábitos, preferências, lugares, vozes e identidades que não estejam em conformidade com aquilo que é convencionalizado, por poucos, como sendo ‘adequado’, ‘de bom gosto’ e ‘belo’. Significa dizer, nesse aspecto, que são estados emocionais suscetíveis de serem flagrados em um sistema concreto e espacializado de trocas desiguais, cuja lógica organizativa não aceite refutação.

Assim, faz-se necessário entender o medo para melhor confrontá-lo, contorná-lo ou superá-lo, quando possível, visando a uma sociedade mais saudável, em muitos sentidos. Buscando, enfim, alternativas emocionais em momentos de crise – antes, durante e depois – uma vez que o trauma não se encerra após o evento, mas permanece, ainda que a vítima se recuse a aceitar ou a entender as dores e vicissitudes. Afinal, não é fácil perder tudo, seguir em frente e reconstruir a vida. As pessoas que vivenciam situações dramáticas, essencialmente negativas, ficam fragilizadas. Sentem medo e precisam de apoio. Valêncio (2011, p. 56) ressalta o quanto

Os medos permeiam a vida cotidiana e, na insistência dos riscos, se acumulam ao ponto de antigos moradores se sentirem emocional e moralmente exaustos e progressivamente levados a se desenraizar do lugar tido como seu.

Esta observação foi realizada no contexto dos abrigos, nos quais existe um conflito permanente entre as vítimas que lá permanecem por longos períodos que, não raro, implica no aumento das dores e incertezas. A recusa pode se tornar permanente ou não, dependendo do contexto a que a está associada. Inquestionável, porém, é o fato de que precisam de apoio e acompanhamento constante até que possam retomar a condução de suas vidas. E, para tanto, é preciso conhecer e avaliar – se possível com ajuda especializada – os traumas e dores em decorrência dos eventos trágicos.

2. CONTEXTOS DE UMA EMOÇÃO INERENTE

Refletir sobre o medo implica em refletir sobre a própria vida. Nascermos com a predisposição, intrinsecamente humana, de sentir e vivenciar emoções, especialmente esta que carrega em si parte da essência da sobrevivência. Provavelmente a humanidade seria mais feliz se os mecanismos que deflagram o medo fossem removidos, mas certamente nossa espécie não sobreviveria para perpetuar essa felicidade. O medo impõe limites que permitem a sensibilização com relação aos eventos e à vida e, embora possa paralisar, igualmente garante a integridade física e emocional.

O medo tem suas especificidades. O que para alguns é um processo de racionalização, através da compreensão dos seus mecanismos, para outros é simplesmente uma emoção corrente e talvez até incompreensível em muitos sentidos. Entretanto, ambas as perspectivas são válidas e necessárias para a superação. Assim, conhecer os próprios sentimentos, aceitá-los e buscar melhores condições para que possam ser utilizados em benefício de um e de muitos é fundamental para uma vida com menos intempéries – afinal, é fato que se assimila melhor o que melhor se compreende. E esta compreensão tanto pode dar-se pela via do sentimento, da vivência e da experiência quanto da aquisição cognitiva e orientada. Neste sentido, o compartilhamento da dor também é um aliado na conformação da emoção e contribui positivamente para a aceitação e para a superação.

Desde a antiguidade, as emoções são consideradas e analisadas dentro de seus contextos. Elas estão indissolivelmente associadas aos eventos e contribuem para a forma como estes são assimilados pelos que dele participam. Há um componente cultural e histórico na consideração do contexto das emoções e, especialmente, da que traz em si os signos do medo.

Aristóteles (384 a.C/322 A.C), em sua *Ética a Nicômaco*, já se referia à emoção do medo como uma afeição da alma ou uma reação favorável (ou não) às necessidades do animal, levando em conta a condição natural da vida. O prazer seria a adequação ou restabelecimento a essa condição, e a dor o que fosse contrário ou afastasse o ser humano

desta mesma condição. Dentro desta perspectiva, emoções precisam ser delicadamente abordadas em contextos onde a integridade física está comprometida – como naqueles nos quais a Defesa e Segurança Civil opera – pois interferem na adequação ao bem estar físico e emocional, além do equilíbrio da vida como um todo, que se constitui, naturalmente, no objetivo final a ser alcançado, seja em épocas de crise ou não. Filosoficamente, segundo Abbagnano (2012, p. 362), emoção é definida como:

qualquer estado, movimento ou condição que provoque no animal ou no homem a percepção do valor (alcance ou importância) que determinada situação tem para a sua vida, suas necessidades, seus interesses.

Assim, observa-se a importância da percepção do sentimento em virtude do que existe conforme o valor atribuído. Ou seja, o que para muitos pode significar uma situação de medo, em função de sua cultura ou de suas vulnerabilidades, para outros pode ser apenas adaptação e até adequação às suas necessidades, como morar próximo a um vulcão e tradicionalmente entendê-lo como uma bênção divina. Ou, em outros casos, quando a necessidade de sobrevivência, por conta de trabalho ou moradia, obriga que as pessoas vençam seus medos e os superem. Encontramos um exemplo no artigo de Ciocari (2012), que descreve sobre mineradores de carvão que se submeteram a condições de risco, simplesmente porque este era o meio de vida, o sustento da família, daquela comunidade. Junto ao perigo e à mística envolvida sobre as minas de carvão, tem-se o contexto de realidades nas quais trabalhadores, apesar de sentir o medo constante, perene, a ele se associam no cotidiano de suas vidas, convivendo como se fosse um companheiro, pois negá-lo ou rejeitá-lo poderia ter um significado ainda mais doloroso. Segundo a autora,

os relatos combinam de maneira intensa tanto ingredientes em torno do trágico (envolvendo mortes e mutilações em decorrência de desmoronamentos, incêndios, quedas de elevador e choques elétricos), como enredos que dão conta da existência de uma cultura da brincadeira e do riso, marcada por uma intrigante jocosidade a desfazer a tensão e a driblar o medo – da morte, do acidente e da fantasmagoria que a mina subterrânea abriga.

Outro exemplo interessante, que deflagrou grande comoção, foi o acidente nuclear envolvendo o Césio-137, em Goiânia no ano de 1987. O evento, que resultou na morte de 60

peessoas, com mais de 6 mil vítimas, ainda reverbera na história como um dos mais graves acidentes nucleares registrados. Com certeza, o mais grave no país. No mês de setembro de 1987, o despojo de equipamentos abandonados nas ruínas do desativado Instituto Goiano de Radiologia (IGR) despertou a curiosidade e o interesse de dois moradores do Bairro Popular, adjacente ao instituto. Os dois rapazes, que estavam temporariamente desempregados, viram naquela parafernália de ferro e chumbo a possibilidade de conseguir algum rendimento monetário. A curiosidade sobre a bela e fascinante luz azul que emanava do interior da cápsula de chumbo deu origem a um evento triste e dramático. O radioisótopo Césio-137 é produzido artificialmente a partir da fissão nuclear do urânio e usado em radioterapia. A substância altamente radioativa despertou a admiração dos que viram a fascinante pedra azul e passou a circular de mão em mão como uma dádiva maravilhosa que, por vezes, era recebida como um signo de sorte e bem-aventurança. Mas o fato é que ela invadiu, mortífera e silenciosamente, vidas ignorantes de seu poder destrutivo. Todos queriam tocar aquela luz azul e assim foram se contagiando até a constatação da contaminação radiológica por parte dos cientistas. Daí em diante, o medo e o desespero se instauraram, e fazem do relato de Suzane Alencar Vieira (2012, p. 32) – que descreve a história e as implicações ocasionadas pelo acidente – uma referência e um alerta sobre as consequências do desconhecimento e da negligência por parte dos responsáveis.

O Césio-137 foi deixando suas marcas na vida das vítimas, no cotidiano dos moradores, no espaço e na história da cidade de Goiânia. A partir de 1987, o “fantasma” do Césio-137 estaria presente nas expectativas de cada parto, de cada nova criança que nasceria e de cada doença que se manifestaria entre os membros das parentelas que sofreram contaminação. O evento radiológico continuaria afetando as vítimas e sua descendência. As incertezas quanto ao desfecho do drama protagonizado pela energia nuclear abrem sempre novas lacunas, novos fios e novas possibilidades de continuação da intrincada história do evento radiológico do Césio-137.

Percebe-se, assim, que ocorrências e sentimentos, precisam estar claros e, ainda que negativos, podem ser avaliados, contornados e sobrepujados de forma a garantir algo ainda mais essencial: a sobrevivência nas condições possíveis a cada contexto de dada situação, comunidade ou região. Fatalidades, assim como eventos provocados, ocorrem e é preciso

considerar que os fatores culturais, sociais, educacionais e até mesmo religiosos, influenciam e estão, estruturalmente, impregnados de emoções. Entre elas, tanto o medo quanto a incerteza sobre os futuros possíveis participam desta construção.

Assim, conforme bem observa Aristóteles, na Retórica, em (Apud Abbagnano, 2012, p. 363) “o medo é uma dor ou uma agitação produzida pela perspectiva de um mal futuro que seja capaz de produzir morte ou dor”. Ou seja, há uma expectativa com relação ao significado e à função do medo, que pode se traduzir como algo em perspectiva e que – neste caso, especificamente, fazendo referência aos riscos e desastres potenciais – amedronta, angustia e precisa ser compreendido e superado. O medo, nesta linha de pensamento, é inerente aos seres vivos e sua manifestação ocorre por interseções entre emoções, axiologias e expressividades. As axiologias remetem a tudo a que se confere valor, considerando a vida como um bem máximo, ainda que para muitos as implicações materiais são igualmente vitais, especialmente no que se refere às tradições e aquisições, muitas vezes alcançadas com grande esforço: seu lugar, suas raízes, que são bens quase comparáveis à vida. Já as expressividades são a resultante das condições a que são submetidos. Assim, em caso de distúrbios, pequenos acidentes ou grandes catástrofes, as expressividades são o equilíbrio colocado em pauta, gerando a angústia que, levada a extremos, pode implicar em sequelas graves e permanentes.

Para o filósofo alemão Martin Heidegger (2009), medo é uma emoção recorrente, cotidiana e implica na percepção – esta apreendida em circunstâncias concretas, fáticas – de tudo o que de fato acontece. Heidegger sugere que o medo ajuda na afirmação do homem que se efetiva a partir de seu próprio ser, como se reconhecesse que este ser só pode se realizar através de si mesmo, através de seus próprios sentimentos. É como um ser em busca de si mesmo, mas que não atribui sentido à inadequação a que está sujeito e, assim, esse atributo recairia sobre os outros e sobre as circunstâncias, provocando uma alienação dos eventos por quem o vivencia. Esta sugestão nos permite adentrar as responsabilidades que uma situação de caráter emergencial, limítrofe, pode gerar, tal como uma paralisação emocional ou mesmo uma fuga, exatamente quando uma atitude urgente se faz necessária.

Nada se propaga mais intensa e rapidamente do que o medo. Ele é urgente e tem a capacidade de se inserir em espaços onde poucas emoções penetram, justamente por não possuir um senso de corporeidade ou identificação. Pode ser-lhe atribuído um sentido

indefinível e subjetivo, a ponto de se tornar irreconhecível até para quem o vivencia. Medo é uma emoção vaga, inquietante, mas igualmente quase inevitável, especialmente em situações críticas e fora de controle, nas quais a incerteza e a insegurança ditam a tônica do processo. Nas calamidades físicas, o que fazer quanto à incerteza quanto ao presente e ao futuro, quando absolutamente tudo o que conferia significado à existência foi perdido em águas turbulentas, tragado pelo solo, destruído pelo fogo ou levado pelo ar? O que pensar ou sentir quando tudo o que existia na vida foi obliterado por água ou terra? Além do sofrimento extremo e das dores resultantes, é a perda das referências de vida que tornam o evento ainda mais dramático. A reconstrução das estruturas de vida, sejam a nível pessoal ou social, demandam condições que precisam ser consideradas nas possíveis reflexões que visam soluções na cultura do risco.

2.1. A EMOÇÃO DO MEDO

Em situações que se configuram como tensas e críticas, a reação através da emoção do medo não acomete somente as pessoas que foram vítimas diretas ou indiretas do evento considerado. O medo pertence a todos os envolvidos, a todos que se encontram em situações de risco e àqueles que se colocam em risco por outros, seja em um evento propriamente dito, seja na ação de resgate e salvamento. Neste sentido, observa-se a inerência desta emoção, como se o medo pertencesse a todos aqueles que se envolvem em suas facetas. O medo, portanto, se estabelece na interação, sendo produto da relação entre os indivíduos e a cultura e sociedade. Ou seja, é uma emoção que não estaria apenas vinculada a princípios universais e a experiências individuais, mas também ao mundo social, visto que fatores de ordem social e cultural influenciam, a seu modo e conforme repertórios culturais distintos, a esfera emocional.

De certa forma, seres vivos estão sujeitos, eventualmente, a sentir medo. Tanto nas situações dos riscos que podem ser menos abrangentes, como acidentes domésticos, de menor gravidade, como em grandes eventos, envolvendo catástrofes. Errôneo considerar que apenas as vítimas se deparam com o desespero; todos estão sujeitos a ele. Assim, sentir medo em situações de risco é pressuposto de que existe a possibilidade de escapar da situação,

confrontá-la ou pelo menos contorná-la. Ter condições e meios para permanecer vivo e bem é um direito, afinal a sobrevivência pertence a todos.

Mas o que é sentir uma emoção como a do medo? Fisiologicamente, o medo funciona como um alerta vermelho para que o corpo se prepare para situações de risco iminente ou naquelas em que as memórias de um evento semelhante – potencialmente estressante e anteriormente vivenciado – possam ser resgatadas e utilizadas como um mecanismo onde o perigo possa ser analisado, calculado e utilizado para evitar futuros confrontos desnecessários, desencadeando reações viáveis e agindo preventivamente. É como se o organismo se valesse de um gatilho para se proteger e captar soluções possíveis.

Nossos ancestrais foram levados a desenvolver mecanismos emocionais por conta da imprevisibilidade dos tempos passados, quando não havia garantias de sobrevivência. De certa forma, considerando a mesma imprevisibilidade dos atuais desastres, sejam eles de origem natural ou não, é preciso estar continuamente preparado para reagir diante das circunstâncias e dos sobressaltos de um evento. Assim, seguindo um viés da psicobiologia, através de gatilhos selecionados ao longo da evolução das espécies, o corpo libera hormônios que, acionando mecanismos internos, possibilitam que todo o organismo se envolva em operações meticulosamente preparadas para acontecerem em caso de necessidade urgente, disparando o alarme e associando visões, cheiros e sons, primitivamente codificados, a um perigo em potencial e às emoções, como o medo ou, em última análise, o pânico. São esses estados que nos capacitam a operar em situações de crise, seja lutando, paralisando ou fugindo, de acordo com a melhor opção. Não é um processo simples. Na verdade, envolve muito mais do que simplesmente temer. Envolve ser capaz de resistir e ter condições de sobreviver em situações extremas.

Os sinais fisiológicos mais comuns e mais facilmente observados são: frio na barriga, respiração forte, coração acelerado, suor, boca seca, tremedeira, visão embaçada e até desmaios. Assim, quando um barulho ensurdecido ou um tremor abala uma estrutura, ou quando a chuva não cessa ou a onda desponta no horizonte, é o medo a emoção acionada que possibilita a reação, seja por paralisia ou por fuga, colocando-a em expectativa, na tentativa de salvar-se ou a outra vida.

Observa-se que em muitas situações, inclusive eventos adversos, salvo fobias específicas, o medo acontece por múltiplos motivos, todos essencialmente válidos: a dor e o sofrimento, a morte (um dos mais viscerais), o desconhecido, o de não conseguir se salvar, as perdas materiais, a falta de identidade pela perda da habitação e seu modo de vida, a perda de entes queridos, a incapacidade de reconstruir a vida, o sofrimento, a dúvida, a falta de perspectiva, a preocupação com o futuro e tantos outros quanto as subjetividades assim permitirem e conforme cada cultura específica entende e percebe o medo. Lidar com o medo resultante de qualquer evento dramático e seus desdobramentos, especificamente nas esferas dos desastres naturais ou humanos, pode demandar um cuidado extremo. Até porque é preciso entender que algumas emoções são existenciais, quase unânimes, e demandam uma atenção que não é somente assistencial e urgente, mas que se reflete na vida e em todas as suas mais complexas e diversas dimensões.

No âmbito da psicologia, especificamente a psicologia de desastres, há técnicas que auxiliam a elaborar formas de conduzir os traumas e as dores advindas das situações vivenciadas, principalmente em como confortar e garantir o mínimo de respaldo às subjetividades em questão. Mas a superação desta emoção, sem absolutamente negligenciá-la ou anulá-la, e sem descuidar de atendimentos urgentes, diretos e necessários, implica igualmente em entender que não há somente uma simples fisiologia do medo. Nesta emoção há um processo de elaboração complexo, filosófico, existencial, de como ela se processa e como pode auxiliar, epistemologicamente, a superação, resiliência e reconstrução da camada da sociedade atingida, lembrando sempre que, embora as estatísticas sejam documentos válidos no estudo de qualquer evento adverso, a dor de uma única vítima precisa ser valorizada. Ainda que a análise de uma tragédia implique no contingente atingido, ela deva ser sempre contextualizada e partir do pressuposto de que cada vida é importante e cada sofrimento e cada dor são traços únicos e singulares.

Para a restauração do bem estar e o alívio de dores e sofrimentos, técnicas são utilizadas na tentativa de minimizar os desalentos das vítimas de eventos críticos. Uma destas técnicas – chamada de *debriefing* psicológico, segundo o psicólogo Ney Bruck (2009) – é definida como um termo genérico para as intervenções imediatas após um trauma (geralmente no período de até três dias), que procura aliviar o estresse com o objetivo de evitar patologias

de longa duração, por meio de reconstrução narrativa da experiência e da ventilação catártica de seus impactos penosos.

Outra técnica é a Dissociação Visual-Cinestésica (DVC), que se vale “da mudança na forma com que a pessoa que viveu uma situação traumática representa mentalmente um evento” (Idem, 2009). O objetivo principal da técnica é desvincular o registro visual do evento do âmbito emocional, para que este possa se reorganizar. Via de regra, terapias em geral são um recurso na busca pela acomodação das emoções que foram alteradas em função de um acontecimento drástico, embora não pareça, ainda, haver um consenso sobre as técnicas emergenciais em atendimentos às vítimas. Atualmente, a meditação *mindfulness* (meditação de atenção plena) – que foca a atenção no aqui e agora, “evitando a ruminação de aspectos do passado e a preocupação excessiva com o futuro”⁵, assim como a terapia de reavaliação cognitiva, estão sendo largamente utilizadas na busca pela restauração do equilíbrio emocional e físico das vítimas. Entretanto, este não é exatamente o objeto de estudo deste trabalho. O que se intenciona aqui é estabelecer a conexão entre o medo e as ações da Defesa e Segurança Civil, embora seja pertinente e fundamental a observância de que todo o auxílio terapêutico possível é vital para que o medo e o trauma não se plassem à nova realidade pós-evento relativa aos eventos adversos de toda natureza.

No entender deste trabalho, mais do que a aplicação mecânica de técnicas e recursos, – nem sempre utilizados em tempo hábil e de forma clara e consciente, muitas vezes por conta do caráter emergencial que envolve as vítimas nos processos (seja em que grau for o evento considerado) de avaliação e resgate – é preciso estabelecer uma percepção muito clara sobre o que confere valor às pessoas. Obviamente que o aspecto material, com todo seu extenso inventário de necessidades à manutenção da vida, esteja esta em situação digna ou não, é de extrema importância, mas não somente. Qualquer que seja a importância deste aspecto, só haverá realmente valor se a ele for agregado um elemento igualmente axiológico, que justamente irá possibilitar a hierarquia e o elenco da contabilização e importância das perdas. É importante perceber que as pessoas reagem de forma singular a situações de calamidades, e que mesmo padrões estabelecidos anteriormente como parâmetro natural para iniciar procedimentos de atendimento psicológico e terapêutico, não necessariamente correspondem

⁵ Scientific American. Revista Mente e Cérebro, ano XIX, n. 248, p.26

aos fatos vivenciados. No momento de um desastre ou nos seguintes, relacionados ao pós-trauma, pode-se encontrar infinitas formas de reação que vão depender da vulnerabilidade do contexto em questão, da capacidade de entendimento e da estrutura de pensamento de cada indivíduo envolvido, abrindo possibilidades em que técnicas convencionais podem não necessariamente surtir o efeito desejado.

Assim, a prevenção, no contexto da Defesa e Segurança Civil, ainda é a melhor forma de preparo das pessoas, conscientizando-as para a readaptação às novas condições de vida e enfrentamento das situações adversas. Quando se desenvolve uma cultura de desastres, abre-se este conhecimento à avaliação prévia, não somente racional, mas também no condicionamento e preparação do emocional para as possibilidades de novas interpretações e direcionamentos.

2.2. A RESILIÊNCIA COMO PRESSUPOSTO PARA SUPERAÇÃO DE MEDOS EM SITUAÇÕES CRÍTICAS

Superação, em questões que envolvem calamidades, é tema obrigatório, caso seja um desejo seguir adiante. Saber lidar com adversidades, estar apto a transpor medos e ter o entendimento necessário para compreender e trabalhar os medos e traumas advindos de situações críticas demanda um conceito fundamental – o da resiliência (do latim *re*, “para trás” e *salire*, “voltar”) – que nasceu na área das ciências exatas com a intenção de definir e avaliar uma determinada condição física, expressa pela “energia de deformação máxima que um material é capaz de armazenar sem sofrer alterações permanentes” Yunes & Szymanski (2001). Com o tempo, a ideia foi adotada por outras áreas e passou a ser considerado também em outros contextos, tais como a educação e a psicologia, que a abraçou como um conceito estruturante para a readaptação de indivíduos em situações onde a demanda por mudanças e novas perspectivas se faz necessária, especialmente em realidades pós-traumáticas.

Resiliência, no contexto da Defesa e Segurança Civil, é estabelecida como:

a capacidade do indivíduo de lidar com problemas, superar obstáculos ou resistir à pressão de situações adversas sem entrar em surto psicológico. A resiliência também se trata de uma tomada de decisão quando alguém se depara com um contexto de crise entre a tensão do ambiente e a vontade de vencer⁶.

É um conceito abrangente, que não leva em conta as peculiaridades de cada situação e muito menos de cada indivíduo. Porém, seria inviável um protocolo que atendesse prontamente às inerências necessárias, individualmente, afinal são situações emergenciais e que demandam atitudes e decisões rápidas e urgentes. Porém, um caminho possível estaria entre a demanda da urgência e o cuidado no trato com a singularidade, não só do evento quanto da questão das vítimas. A introdução do conceito de resiliência, aliado às informações pertinentes e a uma educação voltada para a temática do desastre, deveriam se configurar como algo cada vez mais presente – especialmente devido à intervenção humana – no cotidiano das pessoas em geral. Faz-se cada vez mais importante conhecer os conceitos relativos a estes eventos adversos, que alteram o ritmo normal da vida e transformam realidades.

Resiliência se configura como uma condição na qual ocorre uma acomodação das estruturas emocionais, a partir de um atributo de plasticidade. A EIRD (*Estrategia Internacional para la Reducción de los Desastres, de las Naciones Unidas* - Secretaria da Estratégia Internacional para Redução de Desastres) a define como sendo “a capacidade de um sistema, comunidade ou sociedade potencialmente exposta a perigos de se adaptar, resistindo ou mudando, de forma a atingir e manter um nível aceitável de funcionamento e estrutura”. E a definição prossegue: “Isto é determinado pelo nível da capacidade que o sistema social tem de se organizar para aumentar sua capacidade de aprender com os desastres passados para sua proteção futura e melhoria das suas medidas de redução de risco” EIRD/ONU (2005) apud CEPED (Centro Universitário de Estudos e Pesquisas em Desastre, UFSC) (2010, p. 65). Assim, implantar meios de cuidar e superar medos (das vítimas e de quem as socorre), além de encarar o desafio de uma nova estrutura na qual a cultura de risco –

⁶ Glossário de Defesa Civil. Estudos de riscos e medicina de desastres, 5ª Edição.

abordada e analisada dentro de um contexto social, educacional e político – são pressupostos para aumentar a resiliência de qualquer sociedade.

O ser humano parece ter uma tendência natural a essa capacidade intrínseca de superação. Não fosse essa característica, dificilmente teríamos sobrevivido e evoluído em muitos aspectos. A forma como esta resiliência acontece, porém, não é uniforme. Numa perspectiva mais universal, ela resulta da cultura dominante em cada região ou em dada espécie; já numa perspectiva mais próxima, particular, depende das estruturas internas em cada pessoa, família ou mesmo de uma comunidade. Ou seja, varia de acordo com o contexto e a análise considerada. A resposta a uma situação crítica é também única, pois se constrói a partir da historicidade de cada um. Não há pacotes fechados, muito menos soluções pré-prontas. O que mais se aproximaria de uma forma ideal dessa “volta para trás” seria a conscientização de si próprio e do papel exercido socialmente, aliado à informação acerca das ocorrências, que permitiria um aprimoramento desta capacidade, de forma a tornar a vida em geral melhor e, em caso de eventos adversos, garantir mais condições para a superação da tragédia.

Mas qualquer resiliência pressupõe ter havido, anteriormente e por conta de uma dada ocorrência, em nível de desastre, uma ruptura espacial, temporal e existencial. Rupturas que geram traumas e são definidas como a quebra, a dissociação de uma situação – que se torna outra – em função da ocorrência dos desastres. Rupturas também geram mudanças que, no contexto da Defesa e Segurança Civil, quase nunca são acompanhadas de sentimentos positivos, uma vez que tais rupturas costumam ser drásticas, alterando rapidamente as contingências da vida e inserindo novas realidades, invariavelmente envoltas na incerteza do amanhã. Segundo Valêncio (2009, p. 38), ruptura refere-se

“àquilo que é considerado normalidade, mas que vai incrementando riscos; estes, provocando danos ao ponto de uma ruptura social; tal ruptura, tratada por considerações políticas em maior ou menor escala correspondendo à afetação material, física e moral dos envolvidos na cena”.

Desta forma, eventos adversos se apresentam também como um processo de ordem social, que desconstroem a sociedade tal como ela se posiciona dentro de uma ordem

preestabelecida. Torna-se então importante entender o conceito de desastre, que envolve níveis variáveis de intensidade, evolução e origem, a saber:

Desastres é o resultado de eventos adversos, naturais ou provocados pelo homem, sobre um ecossistema (vulnerável), causando danos humanos, materiais e/ou ambientais e consequentes prejuízos econômicos e sociais. São quantificados, em função dos danos e prejuízos, em termos de intensidade, que depende da interação entre a magnitude do evento adverso e o grau de vulnerabilidade do sistema receptor afetado. Normalmente, o fator preponderante para a intensificação de um desastre é o grau de vulnerabilidade do sistema receptor⁷.

A determinação sobre se um evento deva ser considerado suficientemente válido para ser temido e confrontado implica na receptividade da parte atingida, ou seja, para que sejam tomadas as medidas de previsibilidade, ação e estratégias, a apreensão do que seja desastre – no âmbito que for – precisa observar, obviamente, a dimensão da vulnerabilidade e da cultura intrínseca de cada sistema receptor. E, como sistema receptor, devemos entender não só um país ou região, mas as comunidades presentes que compõem a teia do sistema abordado ou atingido. Estamos novamente nos valendo da referência feita por Douglas (2012) aos sistemas de valores e incertezas presentes em situações de risco, bem como de Beck (2010, p. 35), que teoriza a sociedade de risco como aquela que se equilibra entre os “riscos quantificáveis em razão de acidentes prováveis”.

A questão fundamental trata não somente de distinguir eventos que podem ou não se tornar desastres, mas de perceber que a percepção do risco precisa estar vinculada a percepções ainda maiores, que pressupõem conhecimentos *a priori*. Esta percepção envolve estar ciente e consciente das condições próprias dentro de cada comunidade, que é pressuposto básico para que possa haver uma política de prevenção ou de readaptação à outra realidade imposta por condições adversas. A conscientização implica no reconhecimento do entorno em uma extensa gama de fatores; na verdade, significa maior percepção do que

⁷ Glossário de Defesa Civil. Estudos de riscos e medicina de desastres, 5ª Edição.

antecede o risco, ou seja, percepção da cultura, mentalidade, leis e tudo o que abrange o *modus vivendi* de determinada comunidade. Valêncio (2010, p. 35) reforça a ideia de ruptura como desconstrução que afeta os que a sofrem:

a ruptura arbitrária da realidade material e espacial que entrelaça a trajetória dos indivíduos e famílias num grupo maior é, assim, não apenas fonte de entristecimento, mas de amedrontamento destes, pois se converte no temor de que uma sucessão de outras perdas, promovida por entes, ao mesmo tempo, inomináveis e já sabidos, ainda esteja por vir caso ‘a lição não tenha sido aprendida’.

Desta forma, entende-se que a resiliência é um dos principais aspectos a ser considerado no que tange aos desastres de origens naturais (ambientais), sejam estes de pequeno, médio ou longo alcance, uma vez que esse conceito, singular em cada cultura, é igualmente determinante para a reconstrução de áreas e humanidades atingidas. Mas não somente. É preciso um olhar que identifique, reconheça e estabeleça contato com a fragilidade do outro como um aspecto fundamental para contornar situações, em que sofrimento e fragilidade são temas comuns. É preciso um olhar na perspectiva da possibilidade, da presença do outro, das relações, reações, do porvir e da ação antecipadora que pressupõe soluções possíveis e direcionadas ao cuidado existencial. É preciso um olhar para as emoções envolvidas na perspectiva dos que participam desta realidade, pois a vulnerabilidade é posta em questão, não somente a física ou mental, mas aquela que integra as emoções e dos limites a que uma pessoa está exposta. Segundo Bruck (2009, p. 4), é

“o tema dos limites, do inesperado, da extrema contradição, do impensado e do repentino, do urgente, da emergência, do extremo estressor traumático, da finitude, da perda e da angústia da aniquilação”.

Para pensar a resiliência e seus desdobramentos, em períodos transitórios e indefinidos, é preciso pensar a confiança na sociedade que se posiciona diante do risco. Neste sentido, é interessante recorrer a outro sociólogo, Anthony Giddens (1991, p. 87), que enfatiza o quanto a modernidade se baseia em uma “confiança em sistemas abstratos”, aqueles que comportam não somente nas instituições em geral, mas especialmente os sistemas peritos. Há

uma reflexividade que implica no conhecimento que a sociedade necessita absorver e a confiança nas práticas sociais organizadas, que se baseia não só na superação dos medos preexistentes, como daqueles que se referem a um futuro aberto, incerto e imprevisível, onde o medo iguala a todos na fragilidade, estranhamente vulneráveis diante dos riscos a que estamos sujeitos.

Esta reflexividade comporta múltiplos atores que participam, direta ou indiretamente, da elaboração de possíveis desdobramentos que intencionam soluções sobre as questões que envolvem as ações da Defesa e Segurança Civil. Esses atores estarão sujeitos à conformação de suas próprias emoções, advindas do âmbito subjetivo ou cultural, mas presentes em cada ação que os motivar, seja no enfrentamento, seja na relação passiva de um evento que gere catástrofes. E a orientação de como se dará a reação a esses eventos é determinante não só nas ações efetivas, como nas emoções envolvidas.

Inicialmente, é preciso entender o medo em sua essência, ou seja, dimensionar mais precisamente como opera sua conformação e suas implicações nas diversas ações da Defesa e Segurança Civil. Abordar um tema tão delicado pressupõe uma atitude cuidadosa e uma pesquisa que se volte não somente para a análise de eventos, porém igualmente para os sentimentos dos que participam desta aventura.

Os envolvidos em questões pertinentes à Defesa e Segurança Civil igualmente contribuem com suas emoções e sua pertinência nos ditames dos eventos nos quais a dimensão humana se insere. Não é possível desvincular a participação pela observância do sentimento acerca do que é revelado pelas pessoas vitimadas, nem pelas ações que permeiam situações e profissionais, quer sejam as que envolvem socorro, cuidados especiais, cuidados médicos, voluntariado e outras – quer sejam elas diretas ou indiretas, sem considerar que existe um turbilhão de emoções que se alternam, se misturam, sem que possa, em muitos momentos, haver redução fenomenológica no trato com as situações que se desenham aos envolvidos. Escutar a fala destes profissionais, assim como de vítimas – potenciais ou não – contribui para o entendimento do que acontece nos eventos que resultam em tragédias. Talvez seja até possível traçar paralelos sobre as emoções pertinentes das vítimas e dos profissionais que atuam nas complexas formas de calamidades, desde as provocadas por eventos naturais, até as que se manifestam pela ação do homem.

3. EMOÇÕES EM AÇÃO - SUPERAÇÃO NAS AÇÕES DA DEFESA E SEGURANÇA CIVIL

Defesa e Segurança Civil, considerada em um âmbito mais abrangente, certamente é um assunto que diz respeito à população em geral, pois se refere ao exercício de cidadania, devendo incentivar uma maior consciência ambiental, além de envolver práticas educacionais e axiológicas, uma vez que estas disciplinas compreendem a própria condição humana de sobrevivência, objetivando um mundo mais sustentável. O conceito de sustentabilidade deve se voltar para a preservação de integridades, sejam físicas ou emocionais, não somente do meio ambiente, mas igualmente de quem o habita. Porém, mais do que um simples conceito, a sustentabilidade torna-se essencial para a viabilização de um novo paradigma que suporte as mudanças no *modus vivendi* de uma civilização que alcançou avanços tecnológicos para os quais há dúvidas sobre se estava preparada.

A controvérsia com relação ao *status* de modernidade deriva justamente da ênfase na percepção de que os quesitos tecnológicos não foram devidamente acompanhados pela evolução emocional e de consciência. A humanidade, embora capaz de atos extremos de solidariedade e compaixão, resiste em entender que a tecnologia carece de ser vinculada a um projeto existencial no qual o respeito à diversidade, a solução de questões básicas de sobrevivência como a supressão de aspectos como a fome, as doenças, o desequilíbrio social, são fundamentais para que se possa, de fato, falar em vida sustentável, além de, obviamente, observar o quesito segurança, que está entre os mais importantes.

Uma cultura de risco vem se desenvolvendo gradativamente, muito em virtude dos acontecimentos no país e no mundo. Na instância do planejamento saudável, esta consideração torna-se válida. Mais ainda se o intuito for o de um projeto de prevenção e agregação de conhecimento a esta causa, tornando-se necessário que o conhecimento acerca da cultura de risco seja familiar, ainda que teoricamente. Não há como prevenir o que se desconhece. Selecionar aspectos relevantes à temática das emoções – especialmente a do medo – envolvidas em eventos adversos de qualquer ordem, é conhecer os riscos a que estamos expostos e intencionar soluções que satisfaçam as condições em que vivemos, evitando-se, assim, causar maiores danos ao meio ambiente; esta seleção é igualmente

importante para entender de que forma é possível orientar a condução de uma ação voltada para o resgate, suprimindo ou reduzindo, muitas vezes, a própria emoção.

Douglas (2012, p. 12) questiona sobre a postura acerca da seleção de riscos: “Por que a consciência social ocupa-se do meio ambiente, e não da educação dos pobres ou o socorro dos indigentes?”. Realmente, se nos preocupássemos mais em permitir condições dignas de vida à sociedade em geral, respeitando as singularidades de cada comunidade ou cultura, ainda que não pudéssemos evitar que determinados eventos ocorressem, certamente teríamos uma sociedade mais preparada para enfrentar as adversidades naturais ou advindas das influências antropomórficas. Melhor educação, saúde, habitação e segurança são pilares que não evitam cataclismos, mas favorecem a resiliência de um povo. Já o despreparo, especialmente emocional, conduz ao desespero e ao pânico, causando provavelmente mais mortes e danos do que o que se imagina nestas situações. Aliás, uma das principais metas na Defesa e Segurança Civil deveria ser justamente a de evitar, a todo custo, que ocorressem mais transtornos do que o inevitável, capacitando a população em geral acerca dos eventos e de como evitá-los ou como lidar com eles, no caso de ocorrência.

Importante ressaltar que, atualmente, a área da Defesa e Segurança Civil vem se constituindo uma questão largamente debatida e analisada, não só pelos órgãos que atuam mais diretamente como pela Academia e outros setores. A defesa e segurança civil pode e deve estar ao alcance de todos. Diálogos precisam se estabelecer entre todos que participam dos quatro pilares das ações de redução de desastres: prevenção, preparação para emergências e desastres, resposta aos desastres e reconstrução, nesta incluída a assistência. Assim, será possível alcançar soluções que possibilitem a principal meta da Defesa e Segurança Civil: “o direito natural à vida e à incolumidade”⁸. Este debate torna-se fundamental quando se percebe o despreparo da população em situações de eventos críticos. Assim, além da discussão do papel da Defesa e Segurança Civil dentro dos limites institucionais que, via de regra, ainda não é totalmente unânime, faz-se necessário estender, informando, organizando e aprimorando técnicas e conhecimentos que sejam válidos e eficazes em momentos de crise. Construir novas perspectivas é uma prerrogativa que cabe a todos, pois afinal, todos, invariavelmente, serão afetados em caso de calamidade, desde a população até as equipes de

⁸ Finalidade da Política Nacional de Defesa Civil.

resgate. Estas, salvo o preparo para lidar com as consequências das situações adversas, estão igualmente sujeitas às emoções e aos riscos inerentes a eventos desta natureza. Não há como ser imune ao medo e às dores eventuais, especialmente em eventos de desastres.

Com o objetivo de analisar e obter uma visão sobre as condições emocionais de trabalho de agentes de defesa civil, com base na condição de que o medo é inerente a todos e na ideia de que condicionamento e treinamento podem servir como auxiliares no preparo emocional em situações de desastres, foram realizadas, em novembro de 2012, entrevistas com oficiais militares do Corpo de Bombeiros (4º Grupamento Marítimo – 4º GMar), de diferentes patentes: 1º Sargento, Subtenente, 1º Tenente e Tenente-Coronel e, assim, conseqüentemente, com variados tempos e experiências de serviço. As entrevistas aconteceram no Quartel de Itaipú, em Niterói/RJ, de forma individualizada. Embora sua condução tenha optado pela livre expressão dos entrevistados, a mesma foi orientada por um questionário previamente estabelecido, nos quais perguntas sobre os sentimentos envolvidos nas ações e suas implicações, dentro e fora do contexto profissional, foram elaboradas para profissionais que atuam nos eventos de desastres em geral. Suas falas pontuam seus medos e fragilidades dentro das situações que neles se configuram.

Diante de profissionais que lidam com as mais dramáticas situações emergenciais e críticas, as histórias são quase que invariavelmente impressionantes e conduzem a uma reflexão, especialmente dentro do contexto da defesa e segurança civil. De fato, ponto comum nas entrevistas foi o reconhecimento de que para ser um bombeiro é preciso dom, algo que parece estar além da explicação possível, mas que permite e, sem dúvida, é condição *sine qua non* para haver doação de corpo e alma ao trabalho. Durante as entrevistas, foi possível perceber o brilho no olhar quando relatavam que na profissão era preciso não só amor pela função, mas um profundo envolvimento. A cobrança por parte destes profissionais não é somente externa. Eles sabem que em muitos casos (senão em todos), é preciso estar com 100% de sua capacidade física, mental e emocional para dar conta de determinados eventos. Assim, há como que uma vigilância constante, que os instiga 24 horas por dia e os mantém alertas e cientes de cada situação no seu entorno, até mesmo em seus momentos de descanso. O condicionamento, levado a limites extremos, adquirido por eles durante o treinamento recebido na academia, os capacitam a terem ciência de seus medos e superá-lo em favor da vida alheia. Entretanto, ainda assim, o impacto emocional revela-se intenso.

Durante o desenrolar das falas – ocorridas em meio aos ruídos e sirenes que mobilizavam a atenção dos oficiais, incluindo atendimentos emergenciais – foi possível perceber que elas se revelaram recheadas da vontade de expressar não só sentimentos, mas igualmente o desespero que os oficiais sentem em situações de solidão e impotência e na necessidade premente de buscar soluções em meio ao caos. Elas expressam que tanto a adrenalina e a mistura de emoções como o medo do desconhecido são a tônica da ação, pois nunca se sabe o que está para ocorrer: se um salvamento no mar, na montanha ou o resgate numa colisão, num desabamento ou soterramento. E tudo pode acontecer em qualquer hora do dia ou da noite. Então, o medo e seus desdobramentos precisam ser gerenciados. “*Nós, da área de salvamento, temos que saber dosar e administrar esse medo de forma que não venha influenciar na nossa atividade profissional*”. Um dos oficiais complementa a fala revelando que é preciso haver medo para que possa haver a ação do atendimento, salvamento ou resgate. “*O medo tem que existir, porque se você não tiver medo, você passa a ter confiança e a confiança é onde ocorre o risco de acidente, até com o próprio militar*”. No seu entender, sem o medo não há possibilidade de enfrentamento do perigo, pois retiraria a condição imprescindível que é a sobrevivência, e o excesso de confiança poderia ser prejudicial, colocando em risco o resgate. “*Não pode haver hesitação; você entra no mar com medo, mas quando você bota o pé dentro d’água, este medo tem que sair, porque senão você não consegue fazer o socorro; fica apenas a adrenalina...*”.

Assim, o medo os mantém cientes de que são homens e não super-heróis, como muitas vezes a própria condição do tipo de trabalho os faz pensar. Não pode haver nem o medo excessivo, que impediria o socorro, nem a demasiada confiança, que talvez até os colocasse em risco. A busca do equilíbrio entre a razão e a emoção torna-se fundamental no processo. Aliás, este equilíbrio é importante não só a eles próprios, mas à população presente nos eventos, pois para muitos a ação de salvar vidas é ato de heroísmo, no qual parece não haver emoção envolvida; algo como se o agente estivesse acima de qualquer sofrimento. Obviamente que as emoções sempre participam diretamente envolvidas em cada gesto, fala ou olhar, ainda que o necessário distanciamento seja tão preciso, justamente para que atuem a força e o referido equilíbrio.

Em situações verdadeiramente dramáticas, relatadas com orgulho e emoção, o trauma e o medo são administrados em nome da necessidade intrínseca de resolver a situação, de salvaguardar a vida. Exemplos são casos extremos de salvamento no mar, com fortes correntezas e ondas gigantescas, em que o próprio bombeiro duvida se será capaz de realizar seu propósito; ou ainda incêndios em casas ou em comunidades – onde os oficiais lidam não só com a dor do evento, mas igualmente com a dor da realidade cotidiana difícil, o que por si só já se configuraria um desastre – nas quais nem sempre existem condições ideais para contornar a situação. Nas manobras de salvamento, outra percepção é a do óbvio sofrimento das vítimas, que derramam seus medos e seus pânicos nos homens que as resgatam e salvam. Eles são obrigados a atuar como gerenciadores dos choques emocionais advindos do enfrentamento do perigo pelo qual passaram (eles e as vítimas), transitando numa faixa estreita de equilíbrio, na tentativa de estabilizar a situação durante e após a crise. Infelizmente, eles muitas vezes não possuem o devido preparo para dar conta da dimensão do que este choque é capaz de provocar.

Vale lembrar que todas as situações são únicas, singulares, tendo apenas o tempo – traduzido na constante capacitação e nas sucessivas atuações que resultam em acúmulo de experiência - para contribuir na formação desses profissionais. O trauma mais referenciado ocorre quando não são bem sucedidos; quando não conseguem salvar e perdem uma vida na ação, em suas mãos. Voltam tristes, cabisbaixos, avaliando o que deu errado e tentando entender a situação. Percebem a necessidade de maior empenho e maior treinamento. São homens em busca constante de superação, mesmo que em meio às inseguranças e negligências.

Algo que impressiona é a necessidade de compartilhar as emoções vivenciadas. A dimensão humana nos lembra de que quem socorre, salva, cuida, protege, também precisa ser socorrido em suas dores, salvo de seus traumas, cuidado e protegido de suas emoções mais intensas. Porque heróis, como são muitas vezes considerados, também amam, sofrem e sentem medos. E faz refletir sobre o papel de cada um no desenrolar dos acontecimentos que acontecem nas calamidades. *“Sentimos medo sim, mas não de perder nossas vidas, mas principalmente de perder a vida que juramos salvar ou também de perder um colega no exercício de seu trabalho”*. Muitos se lembraram dos colegas que não sobreviveram aos eventos em que estiveram presentes e nos quais deram a vida na tentativa de resgatar outras

vidas, desconhecidas para eles, mas que significam a essência mesma do juramento prestado na corporação.

“*Ser bombeiro é um jogo de emoções*”, desabafou com orgulho um dos oficiais. É preciso controlar as emoções; é preciso também não criar expectativas, aceitar certos destinos e algumas fatalidades e atentar para o fato de que não podem, apesar de desejarem, realizar milagres. “*Temos que ser, por obrigação, os últimos a desistir*”. E porque não desistem, deixam claro que precisam de um suporte emocional que os proteja e que esteja acima de qualquer discussão. Assim, a religiosidade é uma presença constante, em todos os momentos. E, aparentemente, aceita e professada pela grande maioria dos oficiais, dentro de suas próprias crenças. Para muitos, o exercício da oração facilita alguns entendimentos, como por exemplo, da anormalidade da situação, do próprio medo das vítimas, do desespero e do terror que algumas cenas são capazes de produzir – “*Temos que saber lidar com isso e saber abstrair; temos que entender o lado da vítima e sem aguardar que ela nos compreenda... por isso, saio pedindo a Deus para me ajudar em tudo que for possível*”. Os saberes exigidos na atuação desses profissionais vão além, portanto, das técnicas de salvamento; é necessário o conhecimento sobre o outro, num exercício de decodificação, compreensão e alteridade.

Os relatos assumidos não transitam tanto pela via pessoal, como se o treinamento e condicionamento os permitissem direcionar todas as fibras do corpo e da mente para o foco a que se determinam. O pessoal fica suspenso, a espera de que seja permitida a volta ao seu estado original, cotidiano, de homens com família, amigos e crenças. A recompensa por toda a bravura, ainda que permeada pelo medo, acontece no reconhecimento advindo de suas vítimas; no aplauso de toda uma praia que se aglomera para recebê-los após um salvamento crítico no mar; no olhar e no abraço de uma mãe, cujo filho está vivo; e na vida que se dispõem ao suicídio e que é revalidada pelas palavras e pela coragem de um bombeiro que se habilitou a subir mais de 50 metros de altura numa antena e relegou a segundo plano suas próprias emoções e as de sua família, de sua vida mesmo, na esperança de efetivar sua vitória através da vida de um homem: “*Minha missão é salvar vidas...mas eu poderia ter morrido com ele e naquele momento toda a sua vida passa em segundos. O risco foi muito grande... acho que foi um dos momentos mais temerosos*”. Parece que para esses homens, a missão de salvar e preservar a vida está impressa no sangue; o bombeiro é treinado e condicionado para isso, o que não significa que não sinta medo ou tema pela sua vida, embora eles se recusem a

evitar qualquer procedimento em função deste medo, mesmo que isso possa significar o limite a que os riscos e o medo os expõem: a morte. Cada evento é significativo, pois quando há vitória, o sentimento de gratidão e de satisfação pessoal é imenso. Entretanto, cabe lembrar que a cobrança também vem na mesma medida, especialmente se o atendimento não acontece a tempo e a hora; ou caso algum imprevisto os retarde; ou talvez onde não haja as condições mínimas que a crise exige. Assim, da mesma forma que são ovacionados pela população, são também por ela criticados e desprezados à menor falha. De fato, ser bombeiro não é uma tarefa simples ou fácil!

Depoimentos geralmente são momentos carregados de intensa emoção, pois há um deslocamento para instantes quase sempre impregnados de dores e desespero, como se o mundo estivesse literalmente desabando sobre os ombros daqueles que se colocam à disposição para ir de encontro a vidas, resgatando-as de calamidades, ao mesmo tempo em que se expõem ao perigo. Mas o que resulta, especialmente em casos bem sucedidos, é a sensação inebriante de que a ação vale a pena. Os agentes ficam como que viciados na adrenalina, resultado da realização de um feito, tal como retirar uma vítima de escombros ou simplesmente ser capaz de oferecer apoio em condições onde poucos poderiam estar. Foi esta a impressão deixada na rica entrevista realizada com o agente da Defesa e Segurança Civil Fernando Guilherme Costa, ex-Diretor Nacional de Gestão de Riscos e Desastres da Cruz Vermelha Brasileira- Órgão Central, oficial de ligação em Desastres (DLO) da WSPA (*World Society for the Protection of Animals* /Sociedade mundial de proteção aos animais), Brasil, membro da PADRU (Federação Internacional de Cruz e Crescente Vermelho Unidade Panamericana de Resposta a Desastre)/Panamá e detentor de um arsenal pessoal de experiências como instrutor em cursos de capacitação e treinamento; como professor convidado em diversas instituições, entre as quais a FGV (Fundação Getúlio Vargas), a FIOCRUZ (Fundação Oswaldo Cruz), a Escola de Defesa Civil do Rio de Janeiro, só para citar algumas, além de participações em eventos de desastres como socorrista, gestor e mentor de ações em várias situações de calamidades ocorridas dentro e fora do país. Enfim, alguém que certamente sabe do que está falando ao se referir a eventos que envolvem desastres, calamidades e afins.

As questões da Defesa e Segurança Civil costumam ser divisoras de águas, sem cair em nenhum trocadilho, mas entendendo que existe um antes e um depois nas situações de

calamidades. A percepção desta ruptura talvez seja a parte mais fundamental, uma vez que o reconhecimento dos problemas e as medidas necessárias para solucioná-los antes que qualquer evento ocorra, são imprescindíveis para, se não evitar, pelo menos minimizar os danos. A fala de Fernando Costa é enfática quanto a isso: compromisso! Via de regra, o agente de Defesa e Segurança Civil está envolvido com a proposta, desde seu conceito até a execução, passando por quase todos os assuntos relativos. Pode ser algo intrínseco, nato ou adquirido ao longo de vivências. No seu caso, é uma questão antiga, que remonta à sua infância e da qual nunca mais se afastou. Mas nem por isso criou calos; ao contrário, continua se emocionando a cada ação e registrando aspectos que, para muitos, poderiam passar despercebidos. Do grupo de escoteiros, do qual fez parte, até a Cruz Vermelha, onde ingressou ainda na adolescência, Fernando pode vivenciar acidentes, desastres de origem natural ou provocados pelo homem, e fez com que seu conhecimento e técnica – agregados ao longo de anos de investimento, estudo e prática, fizessem a diferença, principalmente numa época em que não existia propriamente uma Defesa e Segurança Civil e muito do que se fazia antes estava pautado em atos quase que de heroísmo, pois não havia nem planejamento nem condutas apropriadas ou protocolos a serem seguidos. Conclui-se que a Defesa e Segurança Civil – como conceito de proteção civil – cresceu muito, embora ainda haja uma longa e sinuosa estrada pela frente.

Em meio a tantas fortes, intensas e inusitadas ações, Fernando relata com alegria e emoção o dia em que ajudou a realizar – ao lado de seus colegas dos *Anjos do Asfalto* – o parto do filho de uma prostituta. *“Quinze dias depois chega aquela mulher, com suas colegas, com bolo, com flores, para todo mundo. E para homenagear o grupo (nós éramos cinco) ela colocou o nome do filho com nossos nomes. Dos cinco... Quando é que você vai esperar algo assim? Aí você vê aquele monte de cara com mosquetão, faca pendurada, boot, aí você vê todo mundo chorando... chegou a ser engraçado. Ela disse: vim agradecer vocês, porque meu filho poderia ter morrido na rua... realmente vocês são uns anjos”*. São as gratas surpresas advindas das adversidades. São as gratas emoções resultantes de contatos realizados em acidentes cotidianos e desastres, de origem natural ou não. São, igualmente, formas de fortalecer o espírito solidário indispensável em qualquer evento desta natureza.

A todo o momento percebe-se que são muitas emoções nos caminhos de quem pratica Defesa e Segurança Civil e, importante, nem sempre elas são tristes e difíceis. O papel do

agente é socorrer, sem dúvida, mas ele não está, de forma alguma, isento das emoções que transitam nos bastidores e que podem ser efetivamente determinantes. Há razão e sentido em tudo e a participação se torna significativamente mais válida e eficiente quando podemos entender e usar as emoções envolvidas. “*Elas (as emoções) são transformadoras... tem hora que ela grita e tem hora que cala*”. Ele lembra que em muitos episódios, às vezes só resta o olhar e a intenção do diálogo. Geralmente, quando todos estão exaustos, vencidos pelo cansaço no final de uma missão, as emoções afloram e não raro são flagrados num pranto contido ou numa expressão de desespero pelo vazio que fica por tantas vidas perdidas. Emoções falam alto e calam fundo. Elas são frutos, muitas vezes, dos flashes que resultam, segundo Fernando, quando se percebe “*que ali, onde aconteceu a tragédia, aconteceria mais um encontro daquela família*”. Ele acredita que fica a energia do que teria lugar na situação onde, após o evento, só há escombros. São os diferentes olhares que surgem para compor um cenário com perspectivas multidisciplinares. Ao se ter ciência das emoções que se agregam a este cenário, emergem possibilidades de entendimento e condições para que uma melhor avaliação psicológica, estrutural e preventiva possa acontecer para todos, inclusive para os agentes.

Fernando Costa costuma fotografar imagens que lhe chamam a atenção nas áreas onde ocorrem as missões de salvamento das quais participa: a água esverdeada, o animal perdido, o que restou de uma casa, a parede intacta ou em ruínas, o quadro caído, o brinquedo perdido, o lixo, a comida servida no atendimento, o abraço, o desespero, a apatia no rosto dos que encontra pelo caminho. Segundo ele, são elementos importantes na consideração de um desastre, pois fornecem informações relevantes para que se tente evitar novas tragédias. É a percepção de que detalhes significativos podem fazer toda a diferença na avaliação de um cenário de risco ou ainda que as emoções impregnadas em tais detalhes da tragédia possam dar uma dimensão ética do risco ou do que realmente importa, como a vida e a preservação de um estilo e de uma cotidianidade de todos os envolvidos, sejam vítimas ou socorristas. Ele lembrou o caso de um brinquedo, uma boneca, cuja iconografia permitiu a reflexão de que medo e tristeza estavam ali, registrados no rosto da boneca, pelo reflexo do sentimento de quem a apreciava.

O entendimento desta dimensão é resultado não somente da técnica indispensável, do treinamento disciplinado e vital que permita tomadas rápidas e consistentes de decisões, mas

igualmente da escuta presente tanto nas realidades vivenciadas através da experiência pessoal de quem está habilitado (neste caso qualquer agente da Defesa e Segurança Civil), como das vítimas que detêm o conhecimento do entorno do local da tragédia (capaz de fornecer valiosas informações e abrir caminhos para salvar outras vidas), além das histórias de vida de seus habitantes. Cada detalhe conta e precisa ser registrado. Nos eventos de natureza catastrófica, o fundamental – quando há casos de vítimas – seja um salvamento de qualidade, com base na técnica, na experiência e no discernimento de profissionais qualificados, mas é preciso entender que a necessidade das vítimas ultrapassa a questão da sobrevivência. Os momentos vivenciados são de terror, nos quais estar vivo é apenas o primeiro instante. Posteriormente, precisam ser salvos de todo o trauma, dor, dúvidas, medos e desespero que advém da situação. Uma vez que o instinto tenha sido atendido, passa a ser preciso cuidar da qualidade da vida e de toda a trama e todo o drama resultante, com níveis de estresse em alta. Estes profissionais precisam ser treinados para isso também, assim como para suportar, processar e compreender toda a carga emotiva que enfrentam nos resgates. Entretanto, a responsabilidade imputada a eles ultrapassa em muito sua capacidade cognitiva sobre a situação. A maioria não dispõe de conhecimentos de ordem geológica, meteorológica, médica, psicológica, entre tantas outras pertinentes, para exercer domínio completo sobre as operações, assim como não estão, como todos, ambientados numa cultura de risco, que direciona ações e reações em escala intuitiva.

Os agentes da Defesa e Segurança Civil, ao revelarem que “*nenhum desastre é igual ao outro*”, e que “*a gente percebe que sabe muito pouco de quase nada*”, demonstram que acreditam na construção de uma cultura do risco. E, principalmente, acreditam que o homem tem que ser capaz de exercer humildade e reconhecimento diante das suas ações e emoções, pois elas podem salvar ou colocar tudo a perder em momentos cruciais. Na verdade, o contexto de uma situação de resgate envolve muito do que se pode supor além da percepção e da emoção; envolve também dedicação, esforço, determinação, intuição. Envolve cultura: a cultura do risco, daquela que prepara e pré-condiciona o indivíduo à adversidade, sem isentá-lo dos sentimentos necessários aos cuidados que se farão exigir nestas condições. Mais uma vez, trata-se de acomodar a estrutura emocional do agente, seja ele quem for, para as consequências de uma calamidade. Trata-se de buscar condições para que vidas possam ser salvas. Dúvidas e questões sobre o que poderia ser feito ou não para que o resgate pudesse ser melhor ou quais providências poderiam ser tomadas para que tal situação crítica pudesse ser evitada costumam acometer quem está inserido no contexto das ações de Defesa e Segurança

Civil. Muitas vezes, em momentos críticos – como casos de soterramento, isolamento, entre outros – o que resta para muitos, fundamentalmente, é a esperança de que alguém os encontre vivos, os resgate e os ampare. Nestas situações, é o agente que estabelece o primeiro contato, que além de socorrer, vai interagir com o sofrimento levando uma palavra de apoio e uma atitude decisiva. Sem dúvida, é preciso preparo para encarar situações extremas e voltar inteiro emocionalmente delas.

O medo, para muitos destes profissionais, na expressão de suas próprias falas, é recorrente e necessário. *“Eu sempre sinto medo; o medo é o meu freio de mão. O dia que eu não sentir medo eu estou morto”*. O medo é pré-requisito para permanecer vivo, mas também leva à sensação de impotência diante de um evento extremo, no qual não se vislumbra saída. Casos como terremotos, tsunamis, deslizamentos, chuvas torrenciais, invariavelmente tem níveis altos de desespero e os que sobrevivem costumam atribuir o fato à sorte ou a um milagre. Mas todos sentem medo e muitos se salvam justamente por causa dele. Entretanto, conhecer as evidências de uma dada situação e reconhecer sinais indicativos de que podem ocorrer certos eventos, ajudam a minimizar os danos e as consequências de perdas mais graves. Como a natureza costuma ser imprevisível, precisamos estar preparados para seus caprichos. Atualmente, existem recursos tecnológicos que facilitam e agilizam as situações que envolvem os resgates, otimizando a operação. O profissionalismo está cada vez mais acentuado, com participação de áreas multidisciplinares que abrem debates e tornam as ações mais eficientes e funcionais. Resta admitir, reconhecer e usar as emoções, especialmente o medo, em prol da promoção do papel existencial destes agentes: salvar vidas e resguardar o máximo possível a historicidade e a integridade das pessoas. Por outro lado, vencer a resistência emocional própria nas situações de perigo, em prol do benefício de outro, pode significar abrir mão destas emoções. A esta altura, faz-se necessário observar outras referências existenciais, para que haja suporte emocional e este faça sentido nas ações.

Na fala emocionada e vibrante dos agentes da Defesa e Segurança Civil, fica claro que o fator humano é fundamental. É o que, na verdade, importa. Qualquer outro dano é secundário. É um trabalho que precisa estar vinculado a detalhes que costumam passar despercebidos no cotidiano do resgate: gestos, olhares, abraços, insights, percepções que vão além da técnica, mas que imprimem todo um aparato de sentido. Cada qual com um rol de emoções a respaldar as ações necessárias nestas circunstâncias. *“Sem toda a emoção que*

sinto, eu não conseguiria. É como um combustível na minha vida”. Assim, os agentes procuram passar adiante o que aprenderam: suas experiências, suas vivências e, muito importante, procuram não esquecer aqueles que ajudaram a salvar, pois a memória dos rostos, das dores, das tragédias em geral e em particular, são fontes fundamentais para o acúmulo de aparato necessário à próxima ação. Para eles a ajuda humanitária dispensada pela Defesa e Segurança Civil e tudo o que a envolve diz respeito ao papel de cada um como ser humano. E vai mais longe: “*Se você não vive para servir, você não serve para viver*”. Bem entendido que esta não é uma postura simplista ou radical. Compreendemos que há muitas maneiras de servir a um propósito e nem todos tem condições e competências para atuar diretamente nas situações que envolvem um risco maior. Esta condição demanda preparo técnico, físico, mental e psicológico, aos quais nem todos estão aptos. Sabem que, em situações de crise, posturas como tolerância, compreensão e humildade indicam em quais momentos é preciso dar calor e em quais é preciso ser frio e calculista e, para adotar determinadas posturas, separam a eficácia da eficiência. Na eficácia, tudo o que foi previsto deu certo: houve aviso, as ações corresponderam ao esperado, o percentual de êxito foi alto. Mas infelizmente nem sempre é o que ocorre e então é preciso ser eficiente: saber recorrer à experiência, à intuição e à condição de ser capaz de tomar decisões rápidas, que muitas vezes fogem ao protocolo estabelecido.

Importante ressaltar que toda ajuda humanitária existente provavelmente não será suficiente para dar conta das calamidades no mundo, já que muitas delas, como seca, guerras civis, tribais, corrupção que assola a sociedade, fome, negligência, descaso e tantas outras são latentes e banalizadas pelo conceito do que seja um evento trágico. As grandes catástrofes atraem olhares e mobilizam forças no sentido de agregar ajuda. A questão é que, a todo o momento, pode-se identificar tragédias humanas, onde inúmeras vidas são perdidas.

Nenhum ser humano é melhor ou pior do que outro. A diferença está em quem se encontra em condições de estender a mão, em quem já trilhou caminhos que tornaram favoráveis estas ou aquelas circunstâncias. Não há mérito ou demérito no exercício do papel existencial de cada um, mas há aqueles que se esforçam, a despeito de seus medos, para cumprir com sua obrigação nas situações que exigem coragem, dedicação e uma dose extra de determinação. Para estes, deveria haver, em contrapartida, também uma dose extra de reconhecimento. Mas se acostumaram a não esperar por ele. Embora considerem como sendo

apenas seu trabalho, ainda que apaixonado e exercido com louvor e dedicação, muitos desses profissionais rejeitam as glórias e medalhas. A satisfação costuma advir das lembranças de seus feitos e das emoções positivas, mais do que qualquer outro aspecto, daqueles que foram salvos.

A área da Defesa e Segurança Civil é repleta de casos emblemáticos, que servem como referência constante ao exercício que lhe cabe. Nestes casos, a inversão, a atitude de colocar-se no lugar do outro, deveria se constituir como uma referência fundamental, talvez a mais importante, nas ações de qualquer agente da Defesa e Segurança Civil. É preciso cuidado com o outro, especialmente no instante do resgate, pois já existe uma imensa carga de sofrimento envolvido. Alteridades são fundamentais para reconhecer o grau de vulnerabilidade das vítimas e para que possam ser atendidas dentro da perspectiva das vítimas, preferencialmente. Neste contexto de ambientes hostis é preciso partilhar do que a situação oferece, ou, como sugerem as palavras de Costa: *“Se você puder beber, beba; se puder comer, coma; se puder dormir, durma, porque você não sabe quando poderá fazer isso novamente. É uma regra de sobrevivência nos desastres e ela é de todos”*. Numa calamidade, nunca se sabe quem poderá vir a ser uma vítima, então, aprender com a tragédia e participar do sofrimento do outro é uma forma de cuidado e aprendizado; uma forma de percepção da dor e do medo alheios e, conseqüentemente, um acúmulo de experiências que podem facilitar futuras ações. O olhar em direção ao outro estabelece a empatia que gera confiança e auxilia em situações críticas, tal como o resgate no qual a vítima se recusa a abandonar uma área de risco ou aquela que no precipício precisa estender a mão para ser salva.

3.1. EXPERTISE E CONFIANÇA

O olhar de reconhecimento na alteridade das ações exercidas é necessário, portanto, a todos os que participam e se integram nas questões da Defesa e Segurança Civil, seja pelas corporações, seja pelas entidades de ajuda humanitária, pela academia que se insere no contexto, ou mesmo pelos anônimos que prestam auxílio, especialmente nos momentos iniciais. Todos participam, todos são responsáveis, todos são vulneráveis, pois todos sentem, sofrem e se sensibilizam. E o entendimento destas emoções envolvidas, precisa se constituir

como parte do apuro técnico a que são submetidos. Pois vivências precisam ser compartilhadas e agregadas ao saber técnico, de forma a garantir que as emoções não sejam banalizadas ou se percam. Empatia de emoções na intenção de estabelecer contato com a vítima pode ser a diferença entre vida e morte de muitos ou ser agraciado na obtenção de um conhecimento necessário que só o nativo é capaz de oferecer. Um bom planejamento implica no conhecimento das significações do outro, ou seja, o que é lixo para uns pode ser o meio de subsistência para outros; o que é área de risco para os que estão seguros e detém conhecimento de causa pode ser a única possibilidade de moradia para o outro. E o que para o agente é a iminência de morte, para o outro é toda uma história de vida que se perderá. Assim, Costa resume: “*o sistema precisa se ver como sistema, onde todos dependem de todos*”. Todos precisam participar das mesmas indagações: quais são nossos problemas e quais são as soluções. Todos precisam dialogar porque as ações da defesa e segurança civil não são prerrogativa somente dos que detém a expertise, mas pertencem a todos os envolvidos. Deve haver uma comunicabilidade no sentido de desenvolver este pertencimento para que as relações de confiança, bilateral, sejam viáveis. Numa perspectiva fenomenológica, Giddens (1991) sugere que “a confiança nos outros é desenvolvida em conjunção com a formação de um senso interno de confiabilidade, que fornece ulteriormente uma base para uma autoidentidade estável” (p. 97), ou seja “a confiança exige uma mutualidade de experiência”. Portanto, existe uma necessidade de se avaliar as atuais relações existentes entre a população e os sistemas peritos, vitais para a condução da ordem e no auxílio à prestação de socorro em situações críticas.

Assim, constatamos que em tragédias, especialmente as de grande proporção, como foi a da Região Serrana, no Estado do Rio de Janeiro, ocorrem encontros existenciais, em que diferentes classes sociais e culturais se misturam e se torna, em muitos casos, uma só. Há como que um transporte quase imediato para uma condição em que todos compartilham da mesma situação dramática e passam a ter uma interdependência na partilha de dores e infortúnios, do abrigo (no caso dos que perderam tudo e não possuem família), da comida, da assistência. Mas, antes ainda desta questão material, há uma interdependência emocional, no qual ocorre o reconhecimento de uma condição que aproxima a todos os envolvidos: a de que todos são seres humanos que precisam e desejam sobreviver. E a questão da sobrevivência é um aspecto fundamental, vital, especialmente em eventos de calamidades. Mesmo que seja uma questão aberta a debate, existe a possibilidade real de que a humanidade possua este

instinto de sobrevivência como que em estado latente, no qual apenas situações de extrema adversidade permitiriam seu afloramento tornando-nos, assim, vulneráveis não somente aos riscos, mas também a nós mesmos, pois a imensa camada de verniz – cuidadosamente depositada na condição humana pela lenta, difusa e infinita evolução cultural que atravessa os tempos e culmina, de forma diferenciada, na dita modernidade – nos mantém razoáveis e tolerantes uns com os outros. Segundo o historiador Timothy Garton Ash, em seu ensaio *Ele sempre está embaixo*: “a casca de civilização sobre a qual caminhamos é sempre da espessura de uma hóstia. Um tremor e você fracassou, lutando por sua vida como um cão selvagem”. Para fugirmos a esse temor de sucumbir e quebrar a fina hóstia, precisamos nos tornar civilizados não somente em termos tecnológicos ou sociais, mas principalmente nos termos existenciais, que sustentam respeito mútuo na busca pela convivência não propriamente ideal, mas pelo menos pacífica.

Percebe-se, assim, a interdependência nas relações humanas e destas com o ambiente que as cerca. Em situações de crise seria bom não prescindir do outro; claro que muitas vezes a crise faz valer a expressão “salve-se quem puder”. Entretanto, indubitavelmente, não há como desvencilhar eventos e emoções. Está tudo absolutamente interligado, sendo fundamental que esta percepção fique clara para todos os envolvidos. As ações da Defesa e Segurança Civil, em todas as suas instâncias, estão focadas no gerenciamento da vida e da incolumidade, na restauração e na esperança de uma vida melhor e mais viável, em termos de segurança e integridade. O objetivo fundamental, portanto, consiste na promoção da qualidade de vida, nas inúmeras circunstâncias em que esta se apresenta. Existe uma teoria com relação às necessidades humanas, representada através de uma escala, chamada de Escala Hierárquica de Maslow, que foi escalonada para atender uma sugestão do que seria condizente com os indicadores de uma situação ideal de vida. Na base da pirâmide estão as necessidades fisiológicas, seguida por segurança, relações sociais, estima autorrealização, pilares aparentemente essenciais para que outros se tornem possíveis. Obviamente, trata-se de uma proposta simplista, que não observa peculiaridades e diversidades e não se aplica a contextos complexos como as situações pós-calamidades. Porém, é interessante constatar que a segurança é de fato um dos aspectos mais primordiais. A manutenção desta, assim como da incolumidade, mesmo que o entendimento de ambas seja cultural, é pressuposto para qualquer possibilidade existencial.

E tão necessária quanto a segurança física, é preciso que haja segurança emocional. As emoções embasam nossa integridade e acusam estados nos quais projetamos toda uma existência. Significativo observar que as ações da Defesa e Segurança Civil, muitas vezes dramáticas em seus contextos, são possibilitadoras do posicionamento existencial do indivíduo existencialmente frente às adversidades, preparando-os para a função de salvar as vidas nas tragédias, anunciadas ou não.

Importante observar que sanar necessidades é prerrogativa de todos, em qualquer situação: na vida cotidiana, em tempos de tranquilidade, assim como em épocas de crise e turbulências, quando as calamidades assolam ou outras crises sobreveem. Mas existem necessidades que vão além e que implicam em conscientização de realidades próximas, informação, conhecimento, incluindo amparo, cuidados ou mesmo uma simples acolhida, tais como um abraço ou uma palavra amiga e esta relação também é válida para todos. Com esta perspectiva, o relato do agente de Defesa e Segurança Civil, Fernando Costa, é emblemático quando enfatiza momentos especiais ocorridos quando participava de uma caravana que levava comida a locais afastados e de difícil acesso, uma semana após a tragédia da Região Serrana. Neste percurso encontrou uma senhora junto a sua filha, ambas sentadas numa bifurcação da estrada e à espera de algo. Quando informadas de que traziam comida, a senhora mais velha afirmou não querer e garantiu estar bem sem comer, mas que precisava muito de um abraço. Não exatamente surpreso Costa a abraçou. No mesmo instante, sua filha começou a chorar copiosamente. A equipe soube então que as duas perderam a neta ainda muito jovem da senhora. E justamente naquele ponto elas costumavam ficar, todos os dias, juntas. *“O abraço que ela queria naquele momento era o abraço da neta”* (figura 1).

Ou quando se deparou com um senhor que estava isolado em sua casinha e queria apenas conversar e tomar um café, pois se sentia só em meio à falta de condições de sair do local. Ele afirma que, nas duas situações, se sentiu energizado e ciente de que muitas vezes não é a comida ou a água que salvam, mas o carinho e a disposição em estender a mão. Assim, a avaliação do risco pode não ser apenas no âmbito físico, mas essencialmente no emocional. As emoções geradas pelos traumas são mais profundas do que o prato ou o copo cheios que costumam ser oferecidos. Sendo assim, reflexões no sentido de favorecer a mitigação de algumas destas emoções, tais como medo e a angústia, são fundamentais para a manutenção da vida e o bem estar dos envolvidos.



Figura 1: O abraço em meio ao caos, de Fernando Costa.

3.2. PERSPECTIVAS

Os relatos apresentados até este ponto expressam a perspectiva dos agentes de defesa e segurança civil, mas obviamente não é possível desconsiderar a perspectiva das vítimas, cujo estado não costuma ser favorável nos momentos de crise e vicissitude. A sensação de abandono pode acometer quem se encontra solitário, em meio ao desespero. O medo de estar à mercê da adversidade ou de não ser socorrido, principalmente quando as forças começam a se exaurir, é um fator que não pode ser desconsiderado. A demora no resgate, mesmo que por motivos justificados, se traduz como uma angústia infinita para quem a vivencia e pode mesmo levantar a suspeita de um anti-herói, incapaz de cruzar distâncias velozmente e de salvar todas as vítimas em sofrimento.

E, ainda que o socorro se concretize e o conforto num momento inicial, há as consequências e as dúvidas que geram outros traumas: o futuro incerto, a ideia do desamparo, da impessoalidade do abrigo, das perdas referenciais de sua história, além da sensação de que os infortúnios foram causados, pelo menos em parte, pelo descaso do poder público e da falta de informação. São momentos que provocam outros tantos e costumam levar a uma ruptura existencial. Nada mais será como antes. Dificilmente nuvens carregadas ou mesmo o som da sirene de alerta, sinais tão importantes para evitar as tragédias anunciadas, terão a mesma

representatividade de antes. Reconstruir a vida demanda mais do que a percepção do risco provável. Demanda a já referida resiliência, de preferência uma que se construa através da conscientização, do conhecimento e da autonomia emocional.

Igualmente a questão das famílias dos agentes, forçosamente envolvidas no processo, ainda que involuntariamente, devem ser consideradas no contexto das ações dos agentes da Defesa e Segurança Civil. Talvez sob o manto sagrado da obediência hierárquica e do treinamento repetidamente sugestionado do cumprimento do dever, esses agentes oscilem internamente entre este dever e o cuidado no atendimento aos seus entes queridos, as famílias que, em muitos casos, são vítimas das mesmas ocorrências que as demais pessoas. Em certo sentido, estas famílias sofrem duplamente, pois perdem pela ausência do pai, marido, provedor, assim como do profissional que foi prestar seu socorro em local distante, deixando-as privadas da convivência cotidiana. Outros medos são suscitados, por conta da persistência no desdobramento dos eventos adversos.

As tragédias não encerram suas demandas com o evento em si. Após as mesmas, outras adversidades se manifestam, tais como saques, violência e roubos dos pertences que foram forçosamente deixados para trás. Ainda que exista alguém responsável, via seleção familiar ou através de alguma associação comunitária, este alguém continua vítima: pelo risco de permanência no local, pela sujeição à responsabilidade. Cabe o questionamento sobre até que ponto a solidariedade se estende. Infelizmente, a dor e a desgraça alheias podem ser consideradas um bom negócio para muitos.

Em alguns (não poucos) casos, o risco a correr com um possível desabamento seja percebido como inferior ao medo da perda de seus pertences. Algo como a escolha entre o mal menor. A probabilidade de ter sua casa interditada e até demolida pela Defesa Civil pode significar uma tragédia tanto ou até pior do que a possibilidade da ocorrência do evento adverso em si. As políticas públicas de habitação, por conta do descaso e das sequenciais ausências e ações desqualificadas, quase que diariamente noticiadas pela imprensa, não imprimem a confiança necessária para que haja a devida contribuição por parte da sociedade, já tão sofrida. As emoções suscitadas nestes contextos são, por assim dizer, intensas e contraditórias, no sentido da singularidade de cada situação e de cada pessoa que a vive.

4. EMOÇÕES EM CENA – vidas que resgatam vidas

A paisagem resultante da geografia onde ocorre um evento adverso, seja de origem natural ou não, via de regra, não é algo para se admirar positivamente. Em meio às adversidades das situações de risco e catástrofe, muitos cenários se transformam, se ocultam e se revelam, magnetizando sensações que remetem a um estado quase ancestral, onde sobreviver era palavra de ordem. Entretanto, cenários apocalípticos costumam ser cruéis e assustadores, com intensa carga de revolta pelo dar-se conta do despreparo estrutural a que a nossa sociedade está sujeita no roteiro, mas são igualmente fascinam, não só pela surrealidade com que nos deparamos a cada olhar – que nos desperta um misto de sentimentos tão confusos quanto revoltantes – quanto pelo despertar de uma sensação impregnada de desencanto, de desilusão. O que estava aqui já não está mais. Não há mais casas, comunidades, pessoas, histórias e possíveis futuros. Fica um vazio acompanhado de dor e desespero, aflorado pela fome, pelo frio e pela desolação, pelo imaginário do odor da morte e pela música fúnebre dos que buscam seus entes perdidos na lama do descaso. Os cinco sentidos são despertados em alertas dramáticos e estimulados pela necessidade de sobrevivência em meio ao caos. Mas estes mesmos sentidos estão igualmente desorientados, por conta de outros (sentidos) que indicam o quanto a realidade está fora do lugar. Não só física e estrutural, mas também emocionalmente. Rostos familiares tornam-se estranhos, pela apatia e pela perplexidade, assim como pelo não reconhecimento de si mesmos em meio às suas próprias tragédias.

Neste contexto ocorrem as transfigurações processadas nas vidas e nas paisagens ao longo dos acontecimentos. Assim, muitas vezes é preciso um olhar que capte a avalanche de emoções resultantes destas mudanças impostas pelo imprevisível acorde na natureza, aquele que nada poupa. Importante ressaltar que dentre todas as emoções que se atropelam nos eventos que resultam em calamidades, o medo – paralisante, assustador, inevitável – é provavelmente o que mais se intensifica, uma vez que envolve toda uma gama de atributos existenciais que permanecem em momentos que se postergam no desdobrar dos acontecimentos, nos lembrando de que dificilmente a vida retoma seu curso anterior em tempo, em ritmo e em naturalidade.

O caráter imprevisível da natureza é especialmente peculiar no contexto das mudanças climáticas e assentamentos geológicos. Cada vez mais registros de calamidades são observados ao longo dos anos. Os motivos do aumento de registro não são objeto de estudo deste trabalho, mas obviamente não podemos deixar de pensar sobre a forte influência da contribuição humana, nem sempre planejada e coerente.

Justamente em função destas ocorrências, devidas à imprevisibilidade, que outros registros, além dos técnicos, precisam se fazer presentes. A sétima arte busca expressar, nestes contextos, dramas e olhares, visando esclarecer vieses emocionais vinculados a fortes emoções, dentre elas o medo recorrente, referenciado em filmes emblemáticos. Parece existir uma necessidade de extravasar os limites que a natureza transborda. Pois não são somente as avalanches, tsunamis, erupções, tempestades e todas as suas consequências que estão em jogo, mas o que está por trás, o que sequer consegue ser avaliado no momento em que estes eventos ocorrem. Quaisquer das situações mencionadas, sem a participação humana, podem ser pensadas apenas como mais uma na extensa cadeia de acontecimentos a que a natureza se expressa. Porém, elas se tornam tragédias quando vidas, histórias e conquistas se perdem. Perceber estes momentos e eternizá-los pela arte pode ter um viés cruel e até mesmo desnecessário para muitos dos que não participam subjetivamente dos mesmos, mas certamente é uma forma de trazer emoções à tona e vazar o sofrimento e os dissabores vivenciados.

O recurso da arte não deixa de ser um exercício de alteridade para com as vítimas, sejam elas quais forem, por conceber e reproduzir suas angústias e revezes. Este recurso nos auxilia a entender e distinguir diferentes aspectos dos sentimentos envolvidos nas complexas emoções que transitam nas situações de eventos catastróficos. Nem sempre somos capazes de compreender a extensão dos dramas que envolvem as pessoas em acontecimentos desta natureza. Assim, através da película, da narração, escrita ou representada, nos aproximamos do contexto intenso a que estas pessoas foram submetidas.

A filmografia existente no cinema catástrofe, bem como em documentários – onde as realidades falam por si – é extensa, elucidativa e muitas vezes alusiva às situações que ilustram medos e superações. Normalmente, não é possível desvincular as referências às realidades com as simulações elaboradas nas películas cinematográficas, bem como nas

existenciais, nas quais o medo surge invasivo, de forma sutil ou mesmo subliminar. As narrativas e interpretações que acompanham as situações envolvem as vivências – idealizadas ou reais – e buscam dar conta da dimensão imposta pelas circunstâncias que os eventos produzem.

A lista é extensa e naturalmente discorrer sobre tantas produções não seria apropriado, ainda que oportuno. Dentre os muitos filmes elencados no chamado cinema catástrofe, uma relevante seleção faz-se necessária, para que as análises não se tornassem repetitivas, lembrando apenas, a título de ressalva, que em situações reais nas quais sentimentos, dores, perdas e dramas estejam envolvidos, nenhuma análise pode ser considerada – de forma alguma – repetitiva. Cada dor é única; cada perda pode ser considerada irreparável sob o ponto de vista de quem a sofreu; cada drama terá sua intensidade singularmente elaborada no íntimo de quem o vivenciou. E, ainda que sentimentos sejam pessoais e intransferíveis, pode-se vislumbrar ao menos um referencial para que os exercícios de qualquer manobra preventiva ou de resgate e recuperação sejam mais adequados e eficientes.

Assim, na dimensão estética, quando realidade e ficção convergem, é possível estabelecer certa identificação dramática no exercício do deslocamento em direção aos eventos, como se de fato fosse possível reviver as situações que inspiraram os roteiros. Em catástrofes, esta convergência confere um sentimento de cumplicidade com o sofrimento vivenciado, permitindo que se possam identificar quais os elementos necessários perceptivos, não somente dos riscos presentes, mas essencialmente das pessoas que estão inseridas na realidade que a representação procura reproduzir.

De proporções quase inimagináveis, iniciamos com o filme *Vivos* (Figura 2) – considerado um clássico – o relato de um acidente que é constantemente uma referência no que tange a emoções específicas e resultantes de um evento catastrófico. Este filme de Frank Marshall (1993), baseado no livro *Milagre nos Andes – 72 dias na montanha e minha longa volta para casa*, escrito por um dos sobreviventes da tragédia, Nando Parrado, descreve os acontecimentos que sucederam o acidente aéreo nos Andes, ocorrido em 1972, e narra a situação na qual os envolvidos vivenciaram não somente a dor de um desastre físico, crítico, mas a superação a níveis extremos. A partir do relato dos sobreviventes, o drama expõe, de forma intensa, a dramática história dos que foram submetidos a condições extremas, que

romperam limites normalmente impensáveis e sobrepujaram crenças pessoais e fortes princípios morais, rompidos em nome da sobrevivência. A vontade de permanecer vivo, de perpetuar sonhos e esperanças, apesar das adversidades, foi determinante para os que se dispuseram a sair em busca de ajuda. É esta mesma força que impulsiona que se procurem formas de socorrer e resgatar vítimas, estejam elas onde estiverem, sejam elas quem forem.

As calamidades reais, ainda que impensáveis, permitem a percepção do quanto é viável retirar força da superação de medos viscerais, sob o ponto de vista das vítimas. Porque saber através da mídia diária, recheada de informações agregadas certamente é uma forma positiva de conhecer e dar-se conta da situação, mas saber adentrando as sutilezas, se deixando penetrar pela intensidade dos argumentos e da fala entrecortada das emoções que permeiam o evento – seja este um acidente ou um desastre natural ou de natureza mista, onde se agrega os ditames da natureza e a influência humana – produz reações emocionais quase indescritíveis.



Figura 2: Resgate das vítimas do acidente nos Andes, 1972.

(<http://www.aereo.jor.br/2012/10/13/40-anos-da-tragedia-dos-andes/>, acesso em 02/09/2013)

Paralelamente, as exaustões emocionais por parte dos agentes que atendem e socorrem são igualmente levantadas e constituem a tônica do filme *Vivendo no limite* (1990), de Martin Scorsese. Esta película aborda o cotidiano de um paramédico nas perigosas ruas de Nova York, onde é possível observar como profissionais da área de saúde são continuamente

submetidos a pressões sobre as dramáticas vivências de pessoas que se acidentam e passam por tragédias dolorosas. Estes agentes chegam aos seus próprios limites físicos e emocionais, mas ainda assim acreditam que “*salvar a vida de alguém é como se apaixonar. O melhor remédio do mundo... como se você tivesse salvo a própria vida*”. Salvar vidas pode significar um ópio para os que se envolvem. Entretanto, ainda que envolvidos e determinados, dificilmente estão isentos do sofrimento, do risco e do medo que sentem. Estas pessoas continuam sujeitas a reveses que só situações de desespero e medo extremo possibilitam. Interessante observar que a vulnerabilidade está presente em todos os sentidos, desde as vítimas acometidas até os agentes que os salvam (ou pelo menos tentam). Os sintomas são explicados pela chamada Síndrome de Burnout, que significa literalmente *queimar-se do que vem de fora, do externo*. Mais intensa que um estresse profissional, indica uma despersonalização com relação ao trabalho, ou seja, o agente está tão inserido na exaustiva rotina que já não consegue se desvincular dela. Os contínuos e estressantes estímulos tornam o envolvido suscetível ao descontrole emocional que, entretanto o condicionam a um resultado funcional positivo, mas de consequências dramáticas para quem o vivencia.

Considera-se que sentir – e mais especificamente – sentir medo, seja condição *sine qua non* para qualquer atividade que envolva perigo potencial. A contrapartida seria uma apatia desconcertante ou, muito pior, a submissão a um risco não calculado que pode ter resultados ainda mais trágicos do que os já previstos. Dificilmente, a não ser em casos raros e extremamente peculiares, pode haver dissociação entre medos e suas inferências. E o impacto que a visualização da interpretação, aliada ao clima composto por cores e sons, nos permite este ajuste emocional fundamental na preparação desta compreensão. E, mais que preparados, estaremos próximos da sintonia a que as possíveis futuras vítimas possam vir a estar. Na adversidade também é possível construir saberes técnicos que, apesar do status da expertise conferida, não pode ser desvinculado do reconhecimento do outro e de suas perspectivas. A mentalidade da Defesa e Segurança Civil precisa agregar esta dimensão, considerando as infinitas possibilidades que tais momentos acarretam.

A ótica de se recriar situações que envolvem calamidades, na tentativa de adentrar a lógica dos acontecimentos, influencia a vivência dos atores em sua interpretação. A atuação predispõe que elenco e expectadores possam se aproximar dos eventos, mergulhando cognoscitiva e sensivelmente na sucessão de dores e violência a que as vítimas foram

expostas. Recentemente, o filme *O Impossível* (2012), de Juan Antonio Bayona (Figura 3), procurou descrever um evento baseado em fatos sobre a mega tragédia ocorrida na Tailândia em dezembro de 2004.



Figura 3: Filme *O impossível*, 2012.

(<http://cinemacomrapadura.com.br/tag/theimpossible/>, acesso em 02/09/2013)

No decorrer do mesmo, uma família se vê subitamente vitimada pela tsunami que abalou a região, deixando milhares de mortos. A narrativa gira em torno desta família que, separada pela onda, luta para sobreviver e se reencontrar. Há todo o enredo envolvendo dramas, lágrimas, dores físicas e emocionais e olhares distantes e vazios de quem não consegue entender os efeitos de uma tragédia abrupta e violenta. Entretanto, importante perceber que no filme, enfatiza-se o olhar vai além de suas próprias tentativas de sobrevivência. Geralmente, em calamidades, as perspectivas se alteram e se adequam ao desdobramento dos acontecimentos. Em eventos desta natureza, os extremos podem surgir num paralelo, atraindo-se inusitadamente, pois conseguir sair vivo e, ao mesmo tempo, ajudar quem precisa pode não ser atitude usual nestes casos. De certa forma, pode mesmo se constituir um paradoxo, já que em situações limites existe uma tendência a salvar-se como ato instintivo de preservação da vida. Mas este pressuposto também se estende aos que estão próximos, especialmente se estiver em um círculo mais restrito. Uma das cenas mais interessantes desta produção acontece em dado momento, após o acidente, no qual o menino que protagoniza está no hospital, com sua mãe seriamente ferida e, a pedido desta, sai em busca de uma forma de ser útil às pessoas no local. Todas, inclusive ele, estão profundamente traumatizadas, mas são momentos assim que demonstram nosso grau de maturidade emocional e a capacidade intrínseca de resiliência às adversidades. Justamente quando é

possível demonstrar não somente compaixão, mas igualmente solidariedade aos demais em desespero. Obviamente que não se podem considerar fórmulas prontas de percepções existenciais, nas quais o reconhecimento de determinadas emoções, mais especialmente o medo, fosse acontecer como um movimento condicionado ou já previamente estabelecido, ainda que fosse detalhadamente estudado e considerado. Mas ter conhecimento, analisar anteriormente as possibilidades de entendimento do que o outro está vivenciando (ou poderá vivenciar) amplia a esfera de atuação e a capacidade de prestar auxílio, exatamente porque o olhar estará mais aguçado e a alma mais preparada.

Quando a ficção invade a própria ficção torna-se possível adentrar universos ainda mais instigantes e belos, mesmo que a angústia domine o encontro entre eles. O interessante filme do diretor iraniano Abbas Kiarostami, *Vida e nada mais* (1991) (Figura 4), aborda justamente os reencontros após uma tragédia. Anos após realizar a produção ‘Onde Fica a Casa de Meu Amigo?’, o alterego do diretor retorna ao local – uma cidade ao norte do Irã, agora assolada por um terremoto – para tentar encontrar os atores do primeiro filme. Em uma viagem pela região quase que completamente devastada, ele procura por aqueles que participaram da primeira história, evidenciando os temores que sucedem os eventos naturais que dizimam e confinam vítimas em suas próprias dores e incertezas sobre o futuro.

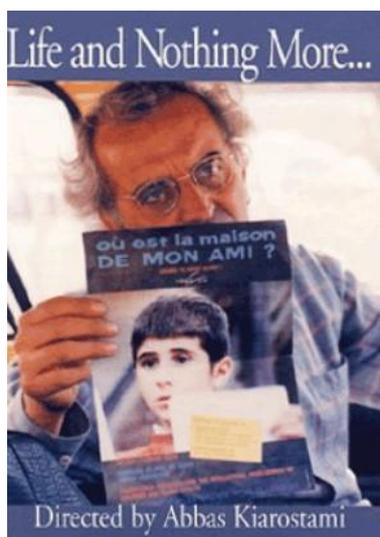


Figura 4: Filme Vida e nada mais, 1991.

(<http://filmow.com/vida-e-nada-mais-ou-e-a-vida-continuat9100/>, acesso em 05/09/2013)

O cenário é uma estrada destruída, repleta de perigos de todas as formas, onde transitar já traz em si medos e temores. A tristeza dos muitos habitantes que perderam famílias inteiras, suas referências e bens materiais e que ficaram sem rumo e sem direção contrasta com a motivação para continuar a vida. Como bem ressalta um dos personagens, “*continuar vivo também é arte*”. E em situações assim, continuar vivo pode ser uma dádiva: encontrar formas de sobreviver às dores e aos infortúnios é algo de que precisam para superar as vicissitudes. Assim, apesar dos obstáculos que vão encontrando pelo caminho, da paisagem inóspita, árida, eles prosseguem na busca por pessoas e narrativas, encontrando nas falas o sentimento que as ocupa, reconstruindo dos escombros alguns efeitos da violência. “*O terremoto é como um lobo faminto, que mata a todos*” e a quem não mata, entrega à má sorte. Mas também os lembra de que a vida deve ser mais bem apreciada, justamente porque a morte os permitiu viver. Driblar os temores faz parte da vida faz parte da arte de se salvar. Da mesma forma que evitar falar sobre o assunto, esconder-se em cavernas, interessar-se sobre assuntos banais. Até driblar o medo com algum entretenimento, como futebol, que expressa algo que a universalidade consiga unir os que estão em lados opostos por ainda não ter uma tragédia na bagagem existencial. Para aquelas vítimas assistir a um jogo era uma alternativa ao sofrimento, uma resposta à altura da vida. A vida continua.

Plasticidades falam por si. Mas o que de fato deveríamos perceber, a partir dos relatos visuais dos que estiveram inseridos em uma guerra ou em um evento que a ela se assemelha? O que pode ultrapassar a compreensão até de quem vivencia cotidianamente situações consideradas de risco ou que participam de ações de resgate? Talvez a resposta esteja na condição intrinsecamente singular que somente uma intensa emoção consegue comportar. É preciso haver um resgate – termo, aliás, fundamental neste contexto – que expresse a recorrente necessidade de reaver, pela captura de imagens e registros, os sentimentos que nos assombram. Na captura, a intenção é justamente impactar aqueles que direcionam o olhar para as cenas e imagens imobilizadas, para os que escancaram gritos, dores e enfrentamentos, nos confrontando com os medos e anseios que possibilitam novas perspectivas. Confrontos que nos permitem realizar alteridades numa possível compreensão da dimensão de todo o sentimento envolvido.

Assim, o medo – que se configura em certos contextos como elemento importante para a organização e a ordem social – pode impedir que a normalidade se restabelecesse, pois se

vale de suas próprias lembranças, dos traumas gerados, das situações de desespero. A angústia, ainda que com um sentido próprio de indeterminação e iminência, advém da resultante psíquica de sentimentos provocados pela dor e pelo temor em situações dramáticas e extremas, tais como a guerra e as grandes catástrofes, naturais ou não. A escritora americana Susan Sontag (2003), no sugestivo *Diante da dor dos outros*, explora a iconografia da guerra e dos conflitos e faz um interessante relato sobre os registros captados nos momentos de drama, dor e catástrofe, que expressam a dificuldade humana de gerenciar suas próprias expectativas e que gera a incerteza que detona medos e angústias. Assim como filmes, a iconografia se revela outra importante fonte de referência a emoções, particularmente o medo. Fotos buscam cristalizar momentos em que as emoções ocorrem, embora nem sempre, infelizmente, conseguem ser fidedignas ao que se propõem. Porém, mesmo quando sua autenticidade é contestada, são fontes válidas para o entendimento e percepção de sentimentos. Sontag nos aponta sobre como “Narrativas podem nos levar a compreender. Fotos fazem outra coisa: nos perseguem” (Ibid, p. 76), pois nas imagens impactantes, o sentimento do medo geralmente se torna protagonista. Cada uma das fotos poderia ser objeto de ações da Defesa e Segurança Civil, mas, infelizmente, são representativas de insanidades ainda maiores, as guerras, pois que são artificiais, derivadas do pior desastre possível: a intolerância, a arrogância e o descaso humano para com seus semelhantes.

Qual seria, então, o impacto causado na estrutura de pensamento de todos que acompanham ações direcionadas com o objetivo de elaborar soluções ou possíveis alternativas, seja na prevenção de desastres, na preparação para emergências, na resposta aos desastres ou na reconstrução? É evidente que os quatro pilares das ações da Defesa e Segurança Civil buscam planejar e construir ações necessárias, mas é preciso que este planejamento e esta construção sejam objetivados a partir da assimilação – ainda que sob a custódia da isenção – dos sentimentos que pontuam tais demandas, de forma a preencher as inevitáveis lacunas existenciais que atingem os envolvidos. A batuta das emergências não deve orquestrar somente o movimento necessário à prevenção, mas buscar alcançar novas metas tão sutis quanto desafiadoras na tentativa de evitar que novas ocorrências causem impactos ainda maiores.

5. CONCLUSÃO

Em quaisquer ações da Defesa e Segurança Civil não é possível ignorar as emoções. Elas são a base para todo contexto de vida, seja em tempos de crise ou de paz. A forma como são conduzidas pode fazer a diferença entre ter ou não uma melhor perspectiva futura. Assim, entender os processos emocionais que se desencadeiam a partir de possíveis eventos – que podem ou não resultar em calamidades – é um pressuposto não somente válido, como também necessário, diante das novas perspectivas mundiais. O planeta passa por transformações, assim como a humanidade. Se não cuidarmos da vida em seu mais vasto sentido, da natureza em sua geografia mais imprevisível ou das mais surpreendentes influências antropogênicas, todos perdem em muitos sentidos. Não há mais espaço para alternâncias duvidosas, que continuem interferindo em construções que não apontem todas as perspectivas. As lições de vida, apreendidas a partir dos eventos adversos que geraram calamidades, nos fortalecem e nos ensinam a entender como a engrenagem funciona.

Nesta perspectiva está implícita a importância das percepções, especialmente a de emoções como o medo, inerentes a situações de risco ou resultantes delas. Entendê-las dentro do contexto ao qual seu agente foi exposto garante uma melhor adequação à nova realidade e possibilita uma sociedade mais resiliente e mais consciente de seu papel na construção de novos e possíveis futuros. Após a realização desta pesquisa, a resposta à pergunta formulada na hipótese é a de que a reflexão sobre a importância da consideração sobre as emoções no contexto da Defesa e Segurança Civil é sim um pressuposto válido que contribui para o fortalecimento das experiências em situações críticas. Esta reflexão e este entendimento não só contribuem como intensificam o aparato da reconstrução física e emocional, pois permitem que a resiliência aumente tanto através das experiências como através do conhecimento.

Barros & Barros (2012, p. 686) afirmam que é justamente

quando grandes desastres abalam determinadas populações e que tudo parece estar perdido, a incrível capacidade das pessoas de se reorganizar e enfrentar as vicissitudes resulta em verdadeiras lições de vida.

O sentido de cidadania, de uma capaz de revelar nossa humanidade, é vital para que haja chance de sobrevivência. Não podemos prescindir do fato de que as singularidades, ao se unirem no coletivo que forma a comunidade, são mais fortes e capazes de resolver seus problemas. E, é claro, devemos considerar os desastres, tanto de origem natural (ambientais) quanto antropomórfica – com consequências de ordem mista – como um problema digno de avaliação pelos saberes humanos.

É importante observar que, dentro do contexto da cidadania, o acesso às pessoas e ao seu comportamento e posicionamento diante de sua realidade factual, é facilitado quando da introdução de uma preocupação elementar acerca de suas questões peculiares e da realidade que os cerca. A introdução desses elementos pode permitir uma abordagem que, embora aparentemente distante de uma urgência casual, facilite a busca por uma solução desta mesma urgência, num dado contexto de risco. Esta percepção, entretanto, deve ser imbuída do olhar que atesta a presença do outro, em suas individualidades e comprometimentos.

Pertence ao escopo da Defesa e Segurança Civil, com seu caráter multifacetado e multidisciplinar, refletir sobre inúmeras questões emergenciais, porém torna-se fundamental a reflexão sobre os diálogos emocionais que se estabelecem, de forma a garantir que o “conjunto de ações preventivas, de socorro, assistenciais e reconstrutivas destinadas a evitar ou minimizar os desastres, preservar o moral da população e restabelecer a normalidade social”⁹, se solidifique e contribua para a minimização do cenário de desastres.

A intenção sugestiva é que se perceba a importância do reconhecimento do medo no outro, em suas peculiaridades e considerações sociais, culturais e ambientais, das quais muitas vezes este mesmo medo não se desvincula, seja em situações de crise, seja no cotidiano. Este entendimento sobre o medo deve exercer a função de ajudar, resgatar e contribuir para a minimização dos eventos de risco, a partir das experiências compartilhadas, das discussões propostas e das medidas elucidativas de prevenção. O intuito é perceber a realidade das emoções envolvidas através do cuidado em múltiplos direcionamentos, partindo de um pressuposto que coloca o homem em foco, como principal agente de uma atitude voltada à

⁹ Definição de Defesa Civil, segundo CASTRO (1998).

qualidade de vida e à orientação, como pré-condições para possíveis soluções de ordem essencialmente preventiva. Será sempre esse olhar diferenciado que pré-julgará atitudes e concretudes, se possível sem distanciamento, sempre atento à humanidade a que se volta.

A defesa e segurança civil é, por excelência, uma área multidisciplinar. Sua estrutura agrega os mais variados e distintos saberes e, neste contexto, é preciso haver mais do que diálogo. É preciso que haja parceria para que as ocorrências – especialmente as de desastres de origem natural, quase imprevisíveis e inevitáveis, não se tornem tão assustadoramente fatais. O saber leigo deve se unir ao técnico, que por sua vez não pode prescindir do acadêmico. A reflexão e a pesquisa, tanto quanto o treinamento cirurgicamente elaborado para cumprir as exigências que a questão demanda, são fundamentais para que haja maior eficiência na condução dos temas em Defesa e Segurança Civil. Outros paradigmas formam-se e precisam de novas indagações com diferentes respostas e alternativas, muitas vezes pautadas em mentalidades que sejam capazes de gerenciar tais realidades. Nesta perspectiva, as emoções também se transformam e os referenciais mudam. No referencial que corresponde ao do medo provavelmente sempre haverá um componente instintivo e até irracional que irá pairar sobre as sociedades, como se fosse um pano de fundo sombrio a tecer sua amplitude diante de olhares indecisos do porvir. Mas outros medos irão desafiar as sociedades que, em permanente movimento, se transformam, diluindo-se em outras que trarão, por sua vez, diferentes abordagens. Mas, a despeito de todo o temor que possa advir de cataclismos naturais ou frutos de intervenções humanas, uma lembrança de Beck (2010, p. 15) permanecerá atual: “é preciso continuar vivendo depois disso”.

Torna-se vital que se reflita sobre todos os temas inerentes à Defesa e Segurança Civil. Seus quatro pilares – Prevenção de Desastres, Preparação para Emergências e Desastres, Resposta aos Desastres e Reconstrução – orientados pelo Plano Diretor, que orienta as ações globais da defesa e segurança civil, e efetivados por um Plano de Operações, que se destina a uma ação específica¹⁰, representam, simbolicamente, um vasto arsenal de possibilidades. Todos os níveis de ações demandam políticas públicas éticas e organizadas com vistas a uma gestão eficiente, além de direcionamento claro e eficaz para que as mesmas possam ser efetivadas. Mas, ao se realizar um sobrevoo mais alto, elas igualmente exigem,

¹⁰ Glossário de Defesa Civil. Estudos de riscos e medicina de desastres, 5ª Edição.

prioritariamente, que haja educação, cidadania e envolvimento da população em questão, com o devido apoio comunitário e consciente. Além disso, o saber técnico e a pesquisa avançada devem abranger todas as questões relativas ao tema e ao contexto da vida no entorno abordado.

Na prevenção evita-se o desgaste, as perdas desnecessárias e minimizam-se as consequências possíveis. Com a preparação, organiza-se e coloca-se em prática ações através de planos de contingência e cumprimento de normas técnicas especializadas. Na resposta, espera-se que esteja alerta e pronta a socorrer rapidamente, assistindo às pessoas atingidas física e psicologicamente, de forma a reabilitar, no menor tempo possível, a ordem e paz. Na reconstrução, o restabelecimento das áreas devastadas, de forma urgente e responsável, além da manutenção do bem estar, em caráter permanente, de todos os envolvidos. Em alguns casos, são obras de dimensões hercúleas, mas que valem cada esforço executado seja qual for o parâmetro considerado.

Um último adendo que se constitui um dado importante, evidenciado por todos os agentes de Defesa e Segurança Civil com os quais foi possível estabelecer contato, é a ausência de apoio psicológico e existencial, por parte das instituições, aos que lá estão para salvar vidas. Agentes são tão vulneráveis quanto qualquer outra pessoa e, portanto, sujeitos às intempéries e ao risco inerente às situações apresentadas. O imenso desgaste sofrido por eles, resultante das ações efetuadas, não recebe o suporte devido necessário ao eficiente andamento das mesmas. O sistema operacional deveria incluir um melhor e maior cuidado àqueles que efetivam buscas no intuito de contribuir para mitigar dores, enquanto as suas próprias se acumulam. Se não pela observância da condição destes agentes, pelo menos para maior eficiência do próprio sistema. Durante as entrevistas realizadas foi possível verificar a urgência desta atenção. Muitos deixaram claro que a simples realização da entrevista, com o tema pertinente, já constituía um alívio no sentido de verbalizar suas angústias. O profissional desta área necessita urgentemente, e por conta do sistema no qual exerce suas funções, dissolver seus próprios medos e externar suas próprias emoções.

Defesa e Segurança Civil é para todos. Deve estar presente em momentos simples do cotidiano, visando a minimização de prováveis ocorrências. Deve ser um alento para todos os momentos do difícil processo que se constitui uma situação de desastre, seja ele de origem

natural ou não. Deve estar atenta ao sofrimento e ser humanizada em todos os setores que a compõem, pois nada pode ser mais devastador do que a banalidade a que a vida está sujeita. Salvar é permitir que a vida se renove a cada dia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo. Editora WMFMartins Fontes, 2012.
- BARBER, Benjamin R. **O império do medo**. São Paulo: Editora Record, 2005.
- BARROS, A. B. & BARROS, A. Cap. 24: Gestão de risco no contexto do desenvolvimento sustentável, *in* **Gestão de natureza pública e sustentabilidade**. Editora Manole, 2012.
- BAUMAN, Zigmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- BRUCK, Ney Roberto V. **Psicologia das Emergências**. Curso do SENASP/MJ (última atualização: 2009).
- CASTRO, Antônio Luiz Coimbra de. SECRETARIA NACIONAL DE DEFESA CIVIL, 1998.
- CONFERENCIA MUNDIAL SOBRE LA REDUCCIÓN DE LOS DESASTRES - EIRD/ONU, 2005, Kobe. Hyogo. Japon. **Marco de Acción de Hyogo para 2005-2015: aumento de resiliencia de las naciones y de las comunidades ante los desastres**. Disponível em: <http://www.unisdr.org/eng/hfa/docs/Hyogo-framework-for-action-spanish.pdf>. Acesso em 23 de maio de 2013.
- CIOCCARI, Marta. ‘Sob um cotidiano de riscos: Narrativas sobre o medo e o perigo numa comunidade de mineiros de carvão’. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, 11 (31): 89-124, 2012.
- DEJOURS, Christophe. **O Fator Humano**. 3 ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: FGV, 2002.102 p.
- DOUGLAS, Mary & WILDAWSKY, Aaron. **Risco e cultura**. Um ensaio sobre a seleção de riscos tecnológicos e ambientais. São Paulo: Elsevier Editora, 2012.
- GLOSSÁRIO DE DEFESA CIVIL - ESTUDOS DE RISCOS E MEDICINA DE DESASTRES, 5ª Edição.
- Gestão de risco e de desastres: contribuições da psicologia**. Curso à distância. Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres. Florianópolis/SC: CEPED, 2010.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Editora Vozes (2009).
- HOLLANDA, A. B. de. **Mini Dicionário**. Curitiba: Editora Positivo, 7ª Edição, 2009.

Manual de Desastres. Vol. I, II e III.

Ministério da Integração Nacional. **Política Nacional de Defesa Civil.** Secretaria de Defesa Civil. Brasília, 2007.

Scientific American. **Revista Mente e Cérebro,** ano XIX, n. 248, 2013.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros.** Companhia das Letras. São Paulo, 2003.

TOMINAGA, Lídia Keiko, SANTORO, Jair AMARAL, Rosangela. (orgs). **DESASTRES NATURAIS. Conhecer para prevenir.** 1ª edição, INSTITUTO GEOLÓGICO, São Paulo, 2009.

TORO, José Bernardo Toro A. e WERNECK, Nisia Maria Duarte. Mobilização social - um modo de construir a democracia e a participação. UNICEF- Brasil, 1996.

TUAN, Yi Fu. **Paisagens do medo.** Editora UNESP. São Paulo, 2005.

VALÊNCIO, Norma (org). A produção social do desastre: dimensões territoriais e político institucionais da vulnerabilidade das cidades brasileiras frente às chuvas. In Teoria e Pesquisa 44 e 45 (pg 67 a 114) – UFSCAR, 2004.

_____, SIENA, Mariana, MARCHEZINI, Victor e GONÇALVES, Juliano Costa (orgs). **Sociologia dos desastres. Construção, interfaces e perspectivas no Brasil.** Versão eletrônica (PDF). – São Carlos: RiMa Editora, 2009.

_____ (org). O desastre como *locus* da barbárie: Apontamentos sobre o caso brasileiro. In **Sociologia dos desastres – construção, interfaces e perspectivas no Brasil** – volume II. Versão eletrônica (PDF). São Carlos: RiMa Editora, 2010.

_____, SIENA, Mariana e MARCHEZINI, Victor. **ABANDONADOS NOS DESASTRES: uma análise sociológica de dimensões objetivas e simbólicas de afetação de grupos sociais desabrigados e desalojados.** Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2011.

VIEIRA, Suzane de Alencar. Dissertação de mestrado O DRAMA AZUL: Narrativas sobre o sofrimento das vítimas do evento radiológico do Césio 137. Campinas, SP: [s. n.], 2010.

YUNES, M.A.M. & SZYMANSKI, H. **Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas.** In: TAVARES, J. (Org.). Resiliência e Educação. São Paulo: Cortez, 2001.